

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

ANNO VI

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1918

Nº 63

Grupo mantenedor: B. Klinger, Pompeu Cavalcanti, Pantaleão Pessoa, (redactores); Souza Reis, Maciel da Costa, Lima e Silva, Parga Rodrigues, Leitão de Carvalho, Euclides Figueiredo, J. Franco Ferreira, Newton Cavalcanti, J. Ramalho.

□ □ □

SUMMARIO

PARTE EDITORIAL

A sociedade das nações. A nossa integridade ameaçada...
As reformas sociaes para produzir votos. O que o Exercito pode fazer. — Que petulancia!... — Rumo à tropa. — O Estado Maior. — Local para a Escola Militar.

PARTE JORNALISTICA

Pax!	Cap. Borges Fortes
Causas de victoria e derrota	General Julien
Serviço secreto de informações, espionagem e contra-espionagem	Cel P. Dias de Campos
Nova feição do processo antigo de combate	Tte Cel J. J. C. Curado
O official de subsistencias	Traducção
Regimen das massas	Paulo Bastos
Serviço de Sapa	General Julien
Regua de calculo "Telefunken"	Tte Cel Rego Monteiro
Exames theoricos de recrutas	1º Tte Barbosa Monteiro
A Guarda Nacional	Cap. Castro Ayres
O regulamento de equitação	Lima Mendes e E. Figueiredo

NOTICIARIO

Os novos instructores da Escola Militar. — Publicações recebidas. — Dois annuncios (na capa).

PUBLICAÇÕES DO CURSO DE APERFEIÇOAMENTO Á venda na Papelaria Macedo

Rua da Quitanda 74

Rio de Janeiro

Instrução de Combate do Atirador, da fila
e da esquadra:

1º fasciculo (2ª edição).....	1\$000
2º fasciculo (tiros de combate).....	1\$500
Serviço em Campanha (Vanguarda, postos avançados, serviço á noite) um vol.	1\$500
Themes táticos de companhia, trad. do 1º Tenente Alcoforado, um volume.	2\$500
Guia para a instrução do batalhão de infantaria, trad. do 1º Tenente Alco- forado, um volume	2\$500
Licções de Historia Militar, pelo 1º Te- nente José Joaquim de Andrade, um volume (com direito aos croquis)	4\$000
I. O Commandante da esquadra no combate. II. Marchas, um volume	2\$000

«A Defesa Nacional» aceita encommendas,
de **pagamento adeantado** Não esquecer o porte.

MEMORANDUM

1 — Não esquecer de **pagar adiantado** o
semestre da assignatura. Considera-se como
adiantado o pagamento feito o mais tardar até
ao segundo mez.

2 — Sempre que mudar a côr da capa da revista
perguntar a si mesmo:

Já paguel o novo semestre?

3 — Não fazer encommenda de publicações si-
não com o pagamento e quantitativo para porte
e registro. Não ter pena de orçar para mais

essa despesa, pois o excedente será credi-
tado.

4 — As assignaturas pôdem começar a qualquer
tempo mas hão de terminar com um numero mu-
ltiplo de seis, isto é, em Março ou Setembro.
Calcular o custo dos numeros de semestre *que-
brado* proporcionalmente ao do semestre com-
pleto.

5 — Communicar sem demora qualquer alter-
ração de endereço (principalmente os represen-
tantes!). Não adiar qualquer reclamação!

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, POMPEU CAVALCANTI e PANTALEÃO PESSOA

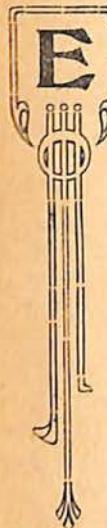
N.º 63

Rio de Janeiro, 10 de Dezembro de 1918

Anno VI

PARTE EDITORIAL

A sociedade das nações. A nossa integridade ameaçada... As reformas sociaes para produzir votos. O que o Exercito pode fazer.



STA' terminada a grande guerra. A essa convicção somos levados pelas condições do armistício estabelecido, condições que não só reduzem de muito o valor militar da Allemanha, como impedem o abastecimento das suas populações e desorganisam a sua economia.

As nações que tomaram a si a causa dos aliados, correntemente denominada «da humanidade» estão de parabens, não só pela victoria alcançada, mas, muito principalmente, pela situação excepcional creada, talvez unica na historia, de estarem reunidas em torno do mesmo ideal, salvo illusão nossa, todas as nações hoje poderosas, com as suas forças preparadas moral e materialmente, promptas para firmarem a interpretação do que sejam ideaes humanos internacionalmente possiveis, reparar sem difficuldades todas as injustiças do passado, realizar a igualdade dos estados e estabelecer, praticamente, tudo o que diziam necessario para que o mundo gozasse uma paz duravel.

O Snr. Wilson, uma das maiores personalidades do mundo hodierno e talvez o mais sincero dos dominadores, imaginou a sociedade das nações, como uma solução mais practica que o tribunal de Haya, para dar sancção aos principios novos ou remanescentes do direito internacional.

Não se sabe ainda perfeitamente como será constituída essa sociedade, mas o telegrapho já nos disse o bastante para comprehendermos que ella adiantará pouco e que a espada continuará sendo o fiel da balança da justiça.

A Inglaterra declarou formalmente que não consentirá na diminuição do seu poder naval e o secretario da marinha dos Estados Unidos, já deu as suas providencias para que seja executado integralmente o programma naval de 1917.

A França e a Italia representarão no continente europeu os ideaes da nova sociedade e para isso precisam manter o seu poder militar.

O Japão tem no oriente razões ponderosas para justificar o sacrificio dos armamentos.

Ahi estão os justos motivos porque as grandes aliadas, apezar de generosas e democráticas em todos os seus sonhos, são forçadas a frequentar a egregia sociedade com fardão dourado e espada á cinta.

Outras nações, pequenas ou grandes, porém, todas fracas ou enfraquecidas, gozarão tambem o honroso convivio; algumas devedoras de gracas infindas e por isso mesmo credoras da maior confiança; outras conscientemente submettidas por estarem certas de que é menos perigoso poder frequental-a do que se conservarem fora della.

Mas o traje tem que ser regulado pelas condições economicas e militares, razão porque nem todas as festas admittirão o comparecimento da generalidade das associadas.

A igualdade dos estados ficará um pouco arranhada, mas já não é pouco que os fracos e pobres tenham a honra de privar com os senhores do mundo.

E assim se passará o tempo até que as primeiras victimas, naturalmente os mais ingenuos e imprevidentes, comprehendam que serviram para justificar essa organisação evidentemente ephemera, mas suficientemente duravel para que os poderosos repartam entre si todos os mercados mundiaes e dilatem a sua esphera de influencia.

A limitação dos armamentos continuará sem a base moral indispensavel, porque não será executada pelos seus principaes advogados e, quando imposta ao inimigo, terá valor transitorio como qualquer outra limitação de direitos que só pode gerar reivindicações e desconfianças precursoras de novas guerras.

Tudo nos leva a crêr que continuaremos sob o regimen da paz armada e que, sem uma defesa convenientemente organisada, pouco nos valerá o prestigio decorrente da politica que adoptamos.

Ao contrario, si por uma organisação militar, de terra e naval de significação no continente sul-americano, pudessemos representar nesta parte do mundo o ideal pratico da sociedade das nações, si nos preparamos para garantir todos os emprehendimentos e progressos resultantes da immigração de captaes estrangeiros, gozariamos tambem os beneficios da victoria.

Infelizmente, porém, todas essas idéas que através de um nacionalismo sadio se orientam pelo ideal de independencia e de grandeza patrias, tão justificado em um paiz que agazalha vinte e oito milhões de almas e se estende por oito e meio milhões de kilometros quadrados, são analysados sob o triste e humilhante aspecto de meros interesses de classe ou de predilecções injustificaveis.

E, *tal como é desejo dos fortes*, imprecionam-nos com opiniões de irresponsaveis e irreflectidos, chegando ao cumulo de querer impedir que se organize a defeza da integridade e ordem interna, tal como preceitua a nossa magna carta.

Ha pouco tempo nesta capital foi lida com especial agrado, a opinião de um jornalista que considerava infamante para o governo passado, a noticia da compra de algum material de artilharia.

Não se tratava da opinião coherente de um pacifista equilibrado, porque a sua opposição não se fazia ao Exercito nem ás unidades que ahi estão desarmadas e sim á compra de algum material para que elles pesassem utilmente no erario.

Tratava-se de um processo indirecto para impedir que unidades hontem declaradas com todos os elementos para a sua instrucción e efficiencia, ficassem em condições de instruir honestamente os sorteados para elles designados.

Porque considerar infamante a compra desse modesto material de guerra?

Impatriotico é o não compral-o e infamante toda instigação para continuar o paiz inerme.

Foi uma lei que determinou a actual organisação do Exercito e até agora a maioria dos regimentos de artilharia montada que são dez, todas as baterias de artilharia pesada que são duas, a maioria dos grupos de obuzes que são cinco e a maioria das companhias de metralhadoras que são dez, estão **sem canhões, sem obuzes e sem metralhadoras**.

Acaso pretendemos que a futura sociedade das nações nos assista em todos os actos da nossa vida interna e externa?

A organisação da sociedade das nações revo-
gará a nossa constituição politica que tão bem

define a função das forças armadas nacionaes — ou — pretendemos tomar parte naquelle sociedade sendo menos que associados?

* * *

A insufficiencia das nossas forças armadas, até para exercerem numa emergencia qualquer a sua função constitucional de *ultima ratio* na ordem interna é tão evidente que o paiz inteiro — e o governo federal á frente — tiveram que ouvir impasseis a ameaça de separação de um estado, proferida pelo seu governador. Os jornaes da ultima decade de novembro profligaram sob varios aspectos a protervia de tão alto dyscolo, a descarada affirmação de ausencia do sentimento de nacionalismo desse chefe.

Não indaguemos detalhes sobre os motivos que levaram a tão infame ameaça, pois que é certo não ter sido nenhuma questão de principios que abalasse a integridade territorial e moral do estado e que nenhuma outra, por mais grave que fosse, poderia justificar tão criminosa lembrança.

E porque o governo federal soffreu a injuria?...

O exercito e a armada nacionaes, como partes que são do povo brasileiro, podem ter a sua educação muito falha, como têm, mas nunca se resentirão da cruel indifferença com que os **aproveitadores da Patria** vão preparando o seu esphacelamento.

Conhecemos de sobejó que, por esses e outros motivos, os politiqueiros sem alma e sem escrupulos desejam o enfraquecimento da União — enfraquecimento que preparam através dos pequenos effectivos e da redução dos creditos para o material indispensavel, quando empossados de qualquer função federal que lhes permitta intervir directamente — mas esquecem-se que não têm o privilegio da intelligencia e muito menos do caracter.

* * *

Os homens entendidos em sociologia andam por ahi a declarar que precisamos fazer, urgentemente, reformas sociaes.

Essas reformas serão naturalmente a copia formalista, apparente, de conquistas feitas em meios completamente diversos.

Infelizmente o sentido generico com que a expressão tem sido lançada, nos deixa envolvidos em duvidas e nos impede a analyse franca das intenções dominantes.

Voto feminino?

Será das melhores. Tem a virtude de ser perfeitamente inocua e não comprometter qualquer politico que, á falta de outra invocação, entenda

conveniente exhibir-se na época em que se considera provável a vacância da curul presidencial.

O voto feminino pode ser adoptado entre nós porque outros países já o adoptaram; si não dê resultado, *transformaremos nossa educação e nossos costumes* para que o dê e não fiquemos *fóra da moda*.

E as outras reformas sociais? Quais serão?

Dentro das liberrimas leis que adoptamos, tão fáceis de completar e corrigir após criteriosa observação, parece-nos que se encontram consagrados todos os princípios humanos e justificáveis para qualquer classe.

A igualdade é a condição fundamental do nosso regimen; desde que o governo queira sinceramente despir-se dos interesses de um regionalismo pernicioso ou de idéas sectaristas cuja elasticidade serve a todas as conveniências e à irresponsabilidade dos seus propugnadores, temos excedido praticamente a todas as conquistas sociais do velho mundo.

Não acreditamos que ninguém de boa fé reconheça necessárias as reformas dictadas por estrangeiros cujo carácter e espírito de reacção se formaram em meios outros. Os nossos operários pouco sabem dos ideias delles e, comumente ignoram o motivo das greves em que tomam parte.

Precisamos é executar o regimen sonhado de ordem e justiça.

Precisamos desenvolver, com urgência, o ensino profissional levando-o à sua máxima disseminação e aperfeiçoamento, para impedir que immigrem para a nossa pátria livre e calma, elementos fermentados, que venham nos contaminar com a vingança de males que lhes fizeram seus patrícios.

Quanto ao mais, as reformas de que precisamos devem attender a todos os brasileiros — não só aos operários — protegendo-os contra a ganância desmedida dos industriaes, dos comerciantes, dos lavradores que não são victimas da exploração e contra a influencia perniciosa dos advogados administrativos e dos politiqueiros sem prestígio real; regulando tanto quanto possível uma porcentagem para os lucros dos negócios correntes; evitando o protecionismo exagerado; facilitando os transportes; eliminando os impostos inter-estaduais; limitando o commercio varejista ás necessidades da repartição dos productos; moralizando e elevando a justiça.

E as escolas que não faltam por toda a parte disseminando o ensino intelligent que o caso comporta. E' esta a maior e a mais necessária protecção que se deve ao operário.

E' preciso evitar que elle se isole na sociedade e só conheça a opinião do politiqueiro que explora o seu voto e do despeitado que lhe fala

de reacção e das infamias do capitalismo, iludindo-o com males que não existem e promessas que o tornam infeliz.

A educação bem orientada, que pode ser promovida sem leis especiais e sem discursos oportunistas, é a principal medida que podemos tomar para que o operário não observe o mundo de um estreito ponto de vista.

E para que tudo isso se realize, basta que os nossos homens de governo sejam patriotas e não exploradores das posições de mando.

* * *

A sociedade das nações, a integridade da pátria e a ordem interna devem estar preocupando o governo da Republica.

Com certeza esses maximos representantes da vontade popular já sentiram a gravidade desses problemas em que se entrelaçam a vida e a honra do Brasil.

O serviço militar obrigatorio acaba de conquistar aplausos justificáveis em todos os que desconheciam as suas virtudes. A guarnição militar do Rio de Janeiro mostrou o seu amor á ordem e o conhecimento que tem dos seus deveres constitucionais.

Era natural que assim se desse porque o Exercito não é uma expressão de força inconsciente; constituído com brasileiros de todas as procedencias, elle vibra com o governo e com o povo na prática da ordem e da lei.

Vem ao caso portanto, lembrarmos a conveniencia, por todos os titulos indiscutivel, de **augmentar o contingente anual** dos que recebem educação através das nossas casernas e de **adquirir todo o material** de guerra e de ensino para que elles produzam o maximo resultado.

E' preciso que os Srs. do Governo se lembram que o exercito não é só força, é tambem escola e escola que reune os melhores requisitos de utilidade para o paiz. A maioria do povo e dos homens publicos já comprehendem e verificaram quanto se poderá obter com um serviço militar bem dirigido. Convém portanto que se deixe progredir essa instituição e que se dê a ella todos os recursos indispensaveis.

O Brazil não pode ter um exercito com efectivo inferior a 50.000 homens e o Snr. Ministro da Guerra, em quem o Exercito deposita as mais justificadas esperanças, bem o sabe.

Não duvidamos que S. Ex. por motivos vulgares do momento financeiro se conforme com uma pequenissima redução, mas estamos convencidos de que essa não chegará ao ponto de dissolver unidades hontem criadas com grandes

despezas para o paiz, como acontecerá se recahirmos no ridiculo dos 25.000 homens.

E assim como os effectivos não podem baixar de um certo limite regulado pela vida de todas as unidades, tambem o material de guerra indispensavel á instrucao desse minusculo exercito, não pode deixar de ser adquirido em condições de servir no proximo periodo de instrucção.

Em quanto o caracter militar retemperado com os sacrificios da grande guerra promette energias que regularão o poder e a grandeza das potencias vencedoras, enquanto Foch e Pershing são indicados para as presidencias de suas grandes patrias, seja-nos concedido o direito de formar um povo forte — capaz de lançar ao mundo as suas idéas, de garantir a sua integridade e manter a ordem social.

QUE PETULANCIA !!!

Não podemos silenciar ante a noticia publicada e ainda não desmentida, de que o governador de Pernambuco ameaçára **aconselhar a separação do seu Estado**, caso o Governo da Republica persistisse em uma exigencia tendente a defender o povo contra a insaciavel ganancia dos homens envolvidos em negocios de assucar.

Seria um crime arrolar entre os factos consumados essa revoltante ameaça, sem que, ao menos, a reunissemos ao nosso formal protesto e para o caso pedissemos a attenção necessaria.

E' claro que não tememos a realização de tal ameaça; confiamos de sobejno no patriotismo do proprio povo pernambucano para esperar que o brado de independencia lançado pelo seu governador não passe de uma curiosidade nos annaes da politiquice. Mas o facto de se tratar de um presidente de estado que, infelizmente, continua em exercicio, nos obriga a fazer algumas considerações.

Si esse governador estivesse investido da autoridade necessaria, não ha mais duvida que procuraria collocar

o seu Estado no estreito ponto de vista que hoje sabemos servir de base ás suas deliberações e raciocinios. Ahi está como se macularia o nome brasileiro retirando o caracteristico que lhe dá maior prestigio, como se atacaria a nossa integridade e como se perturbaria, temporariamente, a vida do paiz.

E assim reflectindo, não sabemos se admirar mais a petulancia do governador renegado, ou a quasi indiferença com que o povo e os poderes constituidos receberam a insolente bravata.

E' bem triste constatar a facilidade com que nos conformamos com actos desse quilate e até os desculpamos, facilidade que infelizmente contrasta com o amor commummente manifestado em questões estranhas á nossa amada Patria.

Si esses actos se reproduzirem com mais firmeza e essa indiferença persistir no espirito dos nossos dirigentes, onde iremos parar ?

Pedimos aos nossos leitores que não esqueçam o nome do *heroico* governador, nome que propositalmente evitamos escrever nas paginas desta revista.

RUMO Á TROPA

Era um dia...

O projecto de lei n. 321 de 1918

E' um veso pernicioso e que parece já inextirpavel esse nosso de apanharmos as idéias motrizes das correntes que se formam entre as camadas progressistas do nosso meio e esposais, incorporal-as ás normas de governo, sem um detido exame de suas causas determinantes e dos seus effeitos.

Assim sucede, e sucede ainda, á idéia tão simples e tão bella, tão moralisadora, do «rumo á tropa». Desde tempos immemoriaes tem estado á inteira revelia dos officiaes do Exercito fazerem ou não a aprendisagem do serviço da tropa. E' especialmente a este serviço que se applica a phrase de Clausewitz: *Na guerra tudo é simples, mas ainda o mais simples é*

difficilímo...» Fazendo orelhas moucas á segunda parte da proposição, a maioria dos nossos officiaes tem evitado, propositalmente desdenhando, a arregimentação, parodiando que o serviço da tropa é coisa elementarissima, tanto que até os cabos aprendem a commandar. Esquecem a adversativa, fecham os olhos ao exame de consciencia que lhes faria confessar:.... *mas eu não sei o que muito cabo e sargento sabe!* Sim, porque estas coisas simplicissimas de regulamentos não se aprendem de improviso, nem nos gabinetes e commissões. E quando houver uma campanha, esses officiaes allegarão que não estiveram arregimentados, valendo-se disso para ainda então não irem para a tropa — o que é uma indignidade — ou assumirão o commando de suas unidades, sem a minima noção practica da função, o que será uma calamidade.» («A Defeza Nacional» N. 2, Novembro 1913, pag. 64).

* * *

De uma meia duzia de annos para cá a propaganda do «rumo á tropa» se desenvolveu considerável, principalmente pelo exemplo e pelas mostras de trabalho intenso nas casernas. Por fim a lei orçamentaria de 1915, *apanhando superficialmente* a bella ideia motriz dessa corrente estabeleceu como condição imprescindivel para a promoção por merecimento um anno de serviço arregimentado. A execução foi sucessivamente adiada, de anno em anno; mas a simples ameaça ao interesse pessoal foi levando á tropa, com proveito para ella e, confessadamente, para os officiaes que por isso a procuraram, bom numero de excellentes elementos.

A *superficialidade* estava em que o absolutismo da disposição não attendia da nossa discriminação de quadros á imperfeição, a que os cargos de quartéis-generaes e de estado-maior quando devidamente providos são serviços de tropa por excellencia; a que ha serviços technicos que assim ficariam anarchisados ou prejudicariam seus serventuarios se não os deixassem, em busca da tropa; finalmente ainda na applicação incorria-se em outra superficialidade: aquella condição passava a ser titulo bastante. Quanto official existe que faz esse serviço de tropa, que mesmo não tem feito outra causa, e no entanto não tem verdadeiramente merecimento profissional!

Vem então o projecto n.º 321 deste anno, mandando considerar como equivalente ao de tropa um rôr de serviços, melhor, quasi tudo quanto é serviço fóra da tropa.

Ha uma disposição considerando, para os efeitos de promoção, como serviço de tropa o exercicio de cargo na Casa Militar! Realmente é uma «equiparação» com a Marinha, onde semelhante serviço é considerado como de *embarque!*...

Ninguem desconhece que as funções de que são investidos esses officiaes não se revestem senão do caracter de uma distinção pessoal.

Para esses cargos não se encontrariam em todo o exercito officiaes que já tivessem satisfeito a exigencia do serviço arregimentado? Será preciso que justamente officiaes distinguidos para semelhantes cargos dêem o exemplo de fazer arregimentação fóra da tropa ou de serviço verdadeiramente equivalente?

Outra disposição identica dá igual equivalencia ao serviço no Gabinete do Ministro.

Apezar da incomparavel significação militar dos cargos desse gabinete sente-se que para estes a excepção devia ter caracter transitorio.

Vê-se que fôram *apanhadas superficialmente* as imperfeições da disposição absolutista anterior. Antes porém adiar mais uma vez a sua execução do que fazer a *absoluta* derrubada a que dará lugar o **projecto 321**, tão **contrário aos interesses do Exercito**.

A questão mesma das excepções para os serviços technicos e de estado-maior está *superficialmente* resolvida. Quanto áquelles o principio superior a respeitar é que não se desorganisem taes serviços; ora um technico que esteja ha 5 annos no seu lugar já deve ter preparado substituto, pôde ser afastado temporariamente, sem prejuizo para a especialidade technica.

Tambem não é conveniente considerar sempre como serviço arregimentado o dos addidos militares e dos officiaes que servirem em exercitos estrangeiros.

A excepção pode ser estabelecida para o caso em que o official faça o seu intersticio nessa função e tenha serviço arregimentado nos postos anteriores.

E' preciso escolher para taes commissões officiaes reconhecidamente praticos no serviço da tropa nacional, que não vão para o estrangeiro ficar embasbacados deante de coisas coesinhas, incompetentes para fazerem a comparação com o que é nosso, porque o desconheçam. Só num exercito sem orientação é que se poderá dar o facto de serem mandados officiaes a se aperfeiçoarem no estrangeiro e de volta não serem obrigatoria e inflexivelmente collocados em situação de transmittirem o que aprenderam! E é o que sucederá, mais do que até hoje, se o tempo da commissão lhes fôr contado como arregimentado, sem restrição.

* * *

O art.º 3.º do projecto estabelece prazos minimos de serviço efectivo na tropa que devem ter os officiaes para serem da data da lei em diante admittidos no serviço technico de estado-maior, inclusive serviço geographico e da carta geral, serviço de estado-maior nas divisões, regiões e brigadas de cavallaria, material bellico, etc.

E no § 2.º dispensa tal condição aos actuais capitães e officiaes superiores...

Como se vê, além do seu aspecto geral antipathico, por encerrar, certamente sem propósito, uma serie de disposições casuísticas e querer arvorar-as em permanentes, o projecto como está destina-se a trazer ao exercito uma perniciosa reacção da officialidade no intoleravel alheamento á tropa.

* * *

Para não prejudicar officiaes nem desorganisar serviços cujo bom funcionamento dos mesmos dependa; em outras palavras, para levar em conta a realidade, o facto de que pelo nosso passado torto não dispomos de muitos officiaes com o serviço arregimentado, entre os quaes se possa fazer escolha para os cargos technicos e directores, o projecto poderia ser immensamente aperfeiçoado com as seguintes corrigendas:

Art.º 1.º letra a) os officiaes da Casa Militar da Presidencia da Republica, os que constituem o Gabinete do Ministerio da Guerra e os addidos militares, desde que tenham pelo menos dous annos de serviço de tropa ou serviço technico de que trata esta lei e não estejam delle afastados ha mais de tres annos;

b) os actuaes officiaes investidos dos cargos de que trata a letra anterior, enquanto servirem onde se acham;

g) os officiaes que servirem arregimentados em exercitos estrangeiros, ficando obrigados a servirem logo apôs seu regresso pe'lo menos durante dois annos completos de instrucção na tropa nacional.

Art.º 3.º § 2.º. Fica suspensa por cinco annos a exigencia da condição re'ativa aos capitães e officiaes superiores, devendo porém durante esse prazo ter preferencia para admissão aquelles que a fôrem preenchendo, mesmo parcialmente.

O Estado Maior DO EXERCITO vae ser, por certo, um dos departamentos mais directa e accentuadamente beneficiados, sob o ponto de vista dos altos interesses da defesa nacional, com a ascenção do Sr. general Cardozo de Aguiar ao Ministerio. Havendo como sub-chefe do E. M. soffrido pesoalmente muito de perto os effeitos, não tanto da organisação como da applicação incorrecta desse orgão, e assistido impotente á diminuição systematica que lhe era votada, em erronea observancia da letra do respectivo regulamento, é de esperar que seja agora um dos primordiaes cuidados de S. Ex. assegurar e estimular o engruimento do Estado Maior.

*
* *

Si algum dos nossos leitores se dér ao trabalho de abrir o n.º 15 d'«A Defesa Nacional» e lér a nota da pagina 93, relativa ao Gr. E. M. logo reconhecerá extrema semelhança aliás proposital entre aquella e esta. Explica este facto a semelhança perfeita das situações, com a pequena diferença, em seu favor, de que em 1914 foi o proprio ex-chefe do E. M. quem subiu a Ministerio. Essa actualidade conservada pela referida nota revela nada mais nada menos que não nos foi dada a felicidade de vêr o Exercito realizadas as suas esperanças.

A vantagem para a situação actual está na experiença, no exemplo, na lição do periodo ministerial transacto.

A abso:pção completa de funcções do Estado Maior pelo Ministerio, em numerosos trabalhos, ha de ter sempre como conse-

quencia parallelia, humanamente inevitável, a absorpção da capacidade quantitativa, iniludivelmente limitada, do respectivo gabinete; resulta portanto a preterição de outros trabalhos, principalmente de natureza administrativa, que só o Ministerio pôde resolver.

Nada impede que d'elle parta a iniciativa da formulação de problemas, é até precipuamente sua função; mas proponha-os ao orgão competente, dê-lhe as bases as mais detalhadas que entender sobre o traçado da solução, examine perfim a solução proposta, faça ainda corrigil-a pela mesma repartição nos pontos que entender, mas, em summa, não absorva funcções, faça funcionar os orgãos, cada um em seu destino respectivo.

Quasi todos os nossos regulamentos, os de instrucção mais que os administrativos, respiram o ar vivificante da divisão do trabalho, da descentralisação. No ramo administrativo ainda ha muita timidez no movimento inhalatorio, por motivo principalmente do constrangimento burocratico financial.

Mas o que é facto é que entre as obrigações regulamentares de cada orgão figura a de fazer funcionar os orgãos subordinados: estimular-lhes a iniciativa, propôr-lhes trabalho, educal-os e vigial-los.

Assim, em face dos regulamentos, um capitão que estuda, trabalha, faz as suas obrigações pessoaes, mas não obriga os seus tenentes a cumprirem seu dever, talvez até prefira fazer por elles os serviços de sua alçada, não é um bom capitão.

Um edte. de corpo que cumpre todos os seus deveres regulamentares, excepto o de fiscalisar os seus subordinados, o de obrigar os seus maiores ou capitães desdiosos, a trabalharem, a imitarem o seu exemplo, os inexperientes a estudarem, não é um bom commandante. Etc., etc.

*
* *

Ainda releva assignalar uma circunstancia favoravel, de molde a facilitar o bom exito do tentamen imposto ao Sr. Ministerio, relativamente ao E. M.: é, além da acertada escolha de seu successor na sub-chefia, a continuação do Exmº Sr. general Bento Ribeiro como chefe. Sejamos permitido assignalar de leve o belissimo exemplo que dá S. Ex., de disciplina, e de elevação de vistos, promptifi-

cando-se em passar a auxiliar, com a maxima actividade, no mesmo cargo, ao seu ex-auxiliar.

O que ha de positivamente favoravel nessa circunstancia é, evidentemente, a perfeita harmonia de vistos que não pôde deixar de haver entre o novo Ministro e o chefe do E. M. sobre a natureza das relações entre os dois chefes, especialmente sobre a intensificação do funcionamento do E. M., em particular tornando mais nitida, mais extensa, geral e prompta a sua acção com **rumo á tropa**.

Local para a Escola Militar

Em um dos nossos ultimos numeros (editorial do n.º 57) nos referimos á construcção do novo edificio para o ensino militar e á necessidade de fazel-o resultar organicamente de um regulamento dotado de caracter verdadeiramente definitivo.

Pouco depois, em nota a um trabalho do cap. João Marcellino em que era abordado este palpável assumpto, assignámos, a propósito da determinação do local, a transcendencia do problema e a imperiosa inspiração de se assentar a sua solução em fundamentos de toda a solidez e no mais acurado estudo de todas as forças e influencias em acção, quer no presente, quer no futuro.

Em obediencia ao nosso programma e no desempenho da ardua missão que a direcção destas columnas nos impõe, não podemos deixar de tratar mais detidamente dessa relevante questão, apresentando, todavia, as considerações seguintes como uma *simples contribuição* para o seu estudo.

A construcção dos edificios escolares para o ensino technico militar, constitue um problema nacional de immenso alcance, que precisa ser enfrentado com muito criterio profissional.

A sua resolução tem de ser subordinada á experiência baseada na critica severa do que temos feito e em dados de observação seguros, logicamente relacionados e coordenados.

Os dados relativos á resolução de problemas congeneres, em outros paizes adiantados, representam uma preciosa contribuição para formar o indispensavel criterio a adoptar na organisação de um projecto desta ordem.

Este projecto precisa evitar os defeitos do passado, attender ás exigencias do presente e estar de acordo com as necessidades presumiveis do futuro.

Dahi resultam grandes responsabilidades para os seus promotores e organisadores, quer pelo lado material ou economico, quer sob o ponto de vista moral, isto é, da urgente necessidade de collimar os objectivos geraes de nossa nacionalidade.

Estas responsabilidades precisam ser definidas juntamente com as condições geraes que tem de regular o trabalho complexo a executar.

Preliminarmente, urge organizar um plano geral obedecendo ao grande objectivo da resolução

do problema da Educação Nacional para a Defesa da Patria.

Quando esse plano estiver segura e criteriosamente assentado, cumprirá ao Estado Maior do Exercito leval-o, sem demora, á execução assumindo, pelos seus órgãos competentes, a responsabilidade de velar pela continuidade dos esforços que houver a desenvolver afim de que nenhum dano ou esforço sobrevenha á unidade de orientação e de objectivos.

Desnecessario é dizer, não só, que a execução de tal plano poderá se fazer em periodos de duração variavel, como tambem que será imprescindivel submettel-a ás vistos de consultores technicos de comprovada idoneidade.

Occorre-nos citar aqui um exemplo colhido no estrangeiro em um dos grandes centros militares do mundo onde essa mesma questão teve de ser resolvida, não só para remodelar o plano geral do ensino militar em conformidade com os objectivos da educação nacional, mas ainda para submitter os projectos de construcção dos edificios escolares ás exigencias creadas pela remodelação adoptada.

Foi o caso da Baviera, cujos institutos de ensino militar funcionavam em edificios antiquados e em desacordo com a evolução do ensino e dos seus objectivos capitales.

O primeiro passo para encaminhar a solução do problema foi o estudo de um plano geral em cuja organisação e execução preponderariam os ensinamentos colhidos por uma experiecia de largos annos de observação systematica em mataria de pedagogia militar assim como de technica de construcção, de engenharia sanitaria e regulamentação de institutos de ensino, tendo-se em vista especialmente a correlação a guardar entre estes contingentes technicos.

Foi julgado mais vantajoso o projecto que reunia todos os institutos de ensino militar — (Instituto de Cadetes, Escola de Guerra, Escola de Artilharia e Engenharia, Academia de Guerra e dependencias para a administração e pessoal subalterno, militar e civil) — convenientemente dispostos, em um mesmo local de modo a constituir escoles independentes sómente quanto aos fins especiaes, mas um conjunto homogeneo quanto aos objectivos geraes ou sociaes.

Este projecto foi magistralmente executado sob a direcção do eminente architecto von Schaky e é considerado como um complexo de soluções technicas modelares digno de nota.

Da área total do terreno 1184 m² foram cobertos pelas construcções (com cubagem de 203010 m³), cabendo aos pateos, jardins, areas para jogos, etc. 43.160 m². O custo elevou-se a 4.000.000 de marcos.

Entre os caracteristicos dessa solução que se fazem dignos de exame convem citar que na escola de cadetes a cada dormitorio de 9 alumnos corresponde uma sala de estudo sendo estes dormitorios separados, aos pares, pelos compartimentos dos officiaes inspectores.

Na Escola de Guerra ao contrario a cada dous alumnos corresponde um compartimento servindo de sala de estudo e dormitorio.

No edificio para o corpo de cadetes cabem 5 m² de área por cabeça nas salas de estudo e 7 m² para os dormitorios.

Na Escola de guerra 11 m² 50 por cabeça para cada compartimento.

As salas de aulas são de dous tipos — um para 33 e outro para 66 alumnos.

As construções foram locadas em terreno perfeitamente permeável, com lençol d'água a 7 m de profundidade.

Nesse, como em outros exemplos, tomados a paizes estrangeiros, é claro que o que a nós importa indagar, examinar, investigar e apurar é o criterio que em cada um delles foi observado para a resolução harmonica dos problemas impostos pela hygiene militar, pela pedagogia (geral e especial), pela technica de administração, pela architectura, etc.

O problema geral que o Estado Maior do Exercito tem de resolver em relação á educação militar da mocidade brasileira consiste essencialmente em — crear um *meio* no qual os individuos devam adquirir robustez physica, manter-se sadios, receber o treinamento apropriado, conquistar uma educação scientiifica efficiente firmada em solidos conhecimentos fundamentaes, e — acima de tudo — *firmar a envergadura moral* que lhes será necessaria para a exacta compreensão da função importantissima que tem de representar na constituição e na defesa da nacionalidade brasileira.

Encarado assim este problema geral deverá ser desdobrado no estudo e resolução das seguintes questões parciaes:

a) Achar um local onde as condições topographicas e climatericas concorram para uma accão benefica permanente sobre o organismo e o moral dos educandos, estimulando-lhes ao mais alto grão possivel a *capacidade de trabalho physico e intellectual*. É necessário ainda que essas mesmas condições permittam com maximo resultado possivel, a execução de exercícios e os treinamentos exigidos, não só pela technica militar como tambem pela educação physica racional adequada ao nosso clima.

b) Aproveitar na execução criteriosa dos programmas de ensino essa capacidade de trabalho e auxiliar-a com um apparelhamento efficiente installado em edificios que, além de rationalmente planejados, sejam construídos em um meio topographico, cuja escolha resulte de um estudo completo sob todos os pontos de vista.

c) Relacionar convenientemente entre si os edificios e respectivos apparelhamentos, relativos ao ensino elementar e technico (secundario e superior) de modo que a execução dos programmas de cada curso sirva de base logica á interpretação e execução dos programmas nos cursos seguintes, proporcionando aos educandos e educadores, em cada um destes cursos, o indispensavel e constante contacto com os trabalhos e objectivos dos cursos superiores, com o que se terá por fim estabelecer um sistema homogeneo de educação pelo qual se attinjam com o maximo de efficiencia os objectivos finaes dos respectivos programmas.

d) Reunir todos os institutos militares de ensino em uma mesma localidade que seja servida por communicações rapidas com a Capital Federal com o fim de utilizar os seus recursos de ordem moral e material, contanto que essa localidade esteja, ao mesmo tempo isolada das in-

fluencias perturbadoras dos grandes centros populosos.

Para chegar á organisação de um projecto que corresponda ao problema geral deste modo formulado não bastará que se confie essa tarefa a um profissional idoneo experiente e dotado de elevados sentimentos patrióticos; será igualmente imprescindivel que além de possuir estes altos dotes, elle ainda disponha de largo tempo para os seus estudos e trabalhos e conte com auxiliares competentes e dedicados e com amplos recursos para poder enfrentar energicamente o estudo completo dos assumtos comprehendidos pelas questões geraes e particulares que reclamam soluções originaes e modelares de acordo com as exigencias do meio brasileiro.

Attendendo-se á avultada despesa a fazer com a execução de um plano de tal ordem, será conveniente que a organisação do projecto seja desde logo subordinada á hypothese da subdivisão em periodos correspondentes aos exercícios financeiros, porém, de maneira tal que nenhum edificio seja entregue sinão depois de apparelhado para entrar immediatamente em pleno funcionamento normal.

Com o que succinctamente ficou exposto comprehende-se bem a complexidade, transcendencia e grande responsabilidade que envolvem os assumtos relativos á resolução do problema dos institutos militares de ensino e com elle a questão basica de *escolha de local nas condições indicadas nos items a e d.*

Do annuario da Instrucción Publica na Suissa correspondente ao anno de 1912, dirigido por François Guex, Professor de Pedagogia da Universidade de Lausanne, á pag. 91, no capitulo de hygiene escolar, tiramos as seguintes linhas:

«Toutefois, à l'occasion de l'exposition internationale d'Hygiène de Dresde, en 1911 il a été affirmé que la haute température et le degré éléve d'humidité de l'air d'une salle sont tout autant à redouter que la proportion trop grande d'acide carbonique. Une chaleur dépassant 20° C. etc. un degré d'humidité de plus de 50 % produisent un effet des plus unisbles; les mêmes troubles physiologiques constatés ne se présentent dans de conditions normales de température et d'humidité qu'avec une proportion de 15 % d'acide carbonique.»

Este facto tinha sido já anteriormente assignalado pelo sabio professor Fluegge em uma experientia celebre*) cujos ensinamentos terão de ser devidamente ponderados no estudo do *local e projectos* dos edificios destinados á sede dos institutos militares de ensino.

Nenhum technico escrupuloso poderá deixar de lado o valioso auxilio que essa experientia representa, especialmente quando ao ter de fixar

(*) No relatorio apresentado ao Sr. General Bento Ribeiro, quando Prefeito do Distrito Federal, sobre projectos de edificios escolares o Major Alfredo Vidal chama a attenção para esta experientia descripta em 1910 pelo notavel medico militar Professor Dr. Schwiening nos seguintes termos:

Em um compartimento de vidro hermeticamente fechado e de dimensões convenientes foram submettidas á experientia diversas pessoas,

a séde para os institutos de ensino houver de considerar a influencia das condições climáticas e topographicas do local.

Será do seu dever profissional procurar orientar esta influencia em beneficio do organismo dos educandos e dos docentes e instructores de modo a tornal-o mais favoravel ao desenvolvimento da capacidade de trabalho phisico e intellectual.

Esperamos, trazendo esta contribuição e incitamento para a resolução de um problema que, repetimos, se nos affigura de capital importancia para a orientação definitiva da nossa actividade militar, que os competentes se manifestem *trabalhando* para que dentro em breve seja uma realidade aquillo que hoje só tem **o peso das grandes necessidades**.

inclusive creanças, verificando-se as condições do ambiente; umas éram reconhecidamente saudias, outras emphysematosas, outras cardiacas, isto é, pessoas muito sujeitas aos incommodos symptomáticos que se observam em recintos pouco ventilados em que ha accumulo de gente.

Mantendo-se o ambiente do compartimento de vidro a baixa temperatura e com pouca humidade, não houve occasião de se verificar symptomas anormaes nas pessoas submettidas á experienca, mesmo no caso dos productos da respiração attingirem a fortes proporções, pois ensaios houve em que a dosagem do acido carbonico (tomado como indice da impureza do ar) chegou a 15 %. Elevando-se a temperatura a 26° C. e mais, ou chegando-se a um grão de humidade superior a 60 %, com uma temperatura de 22° C., todas as pessoas, a começar pelas cardiacas, foram atacadas de peso na cabeça, naseas, vertigens, etc., accusando na testa a temperatura de 33 a 35° (sendo o normal de 30° a 30,5), e verificando-se augmentos na humidade da pelle desde 20 até 30 %. Empregando-se um ventilador para fazer circular o ar do interior da caixa sem, contudo, alterar-lhe a composição chimica nem as condições que deram lugar aos incommodos observados, verificou-se que estes desapareciam simplesmente porque com a movimentação do ar se realizavam condições mais favoraveis á perda de calor do organismo.

Mantendo-se, então, nas condições desfavoraveis acima indicadas algumas das pessoas sujeitas á experienca, apenas fazendo entrar em lugar do ar viciado um outro chimicamento puro, mas aquecido de modo a embarracar a perda de calor pelos pulmões e pela boca, constatou-se que os symptomas anormaes permaneciam inalterados. Todavia esses symptomas não se manifestavam quando as pessoas se conservavam em um meio normal e favoravel á irradiação do calor do corpo, ainda que respirando ar fortemente viciado e carregado dos productos de transpiração. Nessa experienca tomou-se a precaucao de fazer as pessoas respirarem pela boca, obturando o nariz para evitar as naseas. — Pode-se, pois, concluir que os symptomas subjetivos acima alludidos têm por causa o embarracço opposto á **irradiação do calor do organismo**.

A superioridade verificada, objectiva e subjetivamente, do ar exterior sobre o dos recintos e do dos arrabaldes sobre o das cidades, se baseia, nas condições mais favoraveis á irradiação do calor do nosso organismo que é determinado pelo constante movimento do ar, etc.

PAX!

Palavra extraordinaria que extingue quatro annos de lagrimas e soffrimentos!

Palavra que significa o estancamento de quatro annos de sangue ardente a alimentar o curso do Aisne e do Marne!

Quatro annos em que a vida intellectual e sentimental das nações foi suspensa para ceder lugar á vida muscular do braço agindo sem cessar!

Quantas e quantas vigilias nas trincheiras e quantas expectativas dolorosas nos lares ceifados dia a dia, pelo alfange inflexivel da morte!

Paz! eis a palavra magica que faz fechar incontinenti esta pagina amargurada da historia.

Hoje, tudo é alegria! a vida industrial retomada e o commercio reencetado dão á solidariedade humana novas forças e a humanidade sente-se fadada para empreendimentos mais elevados!

A Justiça e o Direito revigorados pela grande prova caminham pela larga estrada do progresso!

Bem depressa na vida das nações, os milhares de homens que rolaram para a tumba serão esquecidos e a humanidade seguirá o seu destino fatal.

Tudo hoje é visto com as cōres as mais risonhas, governos e homens se convencem que a lição da Guerra foi bastante dura para que desta vez se tivesse attingido ao estado collimado da Paz Universal.

No entanto poderemos de facto confiar nesta paz?

Não será a Guerra uma contingencia humana inevitável?

Não obedecerá a vida das nações a leis invariaveis contra as quaes nada pôde a boa vontade dos homens?

O progresso material evolue com muito mais rapidez que a moral social, e a evolução dos povos não tem a mesma velocidade, dahi: os choques, os attrictos e as incompatibilidades.

Nós, brazileiros, especialmente, devemos pensar nas novas condições que a politica internacional creou.

A nossa satisfação pela victoria da causa a que nos alliamos é, incontestavelmente, sincera e justificada, mas, não devemos esquecer que essa victoria foi para muitos

povos obtida com sacrificios incommensuraveis, enquanto que a nós pequenissimo papel coube representar no intenso drama.

Precisamos convencernos que nem sempre as cousas correrão assim...

O estado de exgotamento a que chegou a Europa fará com que na febre de reconstrucção material a conquista da fortuna se realize de preferencia nos paizes novos da America do Sul, cujas riquezas inexploradas jazem improductivas.

A affluencia do capital e do trabalho trarão uma intensidade de vida enorme ás Patrias Americanas creando para elles novas situações, novos interesses.

No choque possivel destes, a que extremos poderemos ser levados?

Qual o espirito, por mais clarividente, que poderia, quatro annos atraç, prever o conflicto entre o Brazil e a Alemanha militarista?

Militarista? Mas seria de facto a casta militar que sobrepondo-se ao conjunto nacional allemão, vencendo a excepcional maioria dos interesses pacificos e da ordem pretendesse procurar no clamor das batalhas a solução que se impunha, a conquista de novas terras onde a sua extraordinaria productivididade podesse desenvolver-se livramente? Não!

Um Exercito não é mais que uma parcella da nação, elle não sente de maneira differente della, elle vive dos recursos materiaes que a nação lhe concede e recebe do povo o influxo das suas aspirações!

Elle é o instrumento de execução dos grandes emprehendimentos do povo, porém nunca poderá arrastal-o a situações incompativeis com os seus interesses moraes!

Poderá um Estado desenvolver-se sem a segurança de uma organisação militar capaz?

Poderá existir a soberania sem o orgão material de sua garantia?

Eis o problema que se nos apresenta.

As doçuras da paz não podem ser gozadas se não sob a égide da justiça apoiada na força.

Dir-me-eis que na Guerra actual a pequena Belgica viu seu Exercito annullado, quasi destruido, enquanto que seu direito á vida de nação livre sempre subsistiu!

Mas o que seria da Belgica se seu Exercito não tivesse com sua resistencia memoravel cooperado para a victoria do Marne?

O que seria da Belgica hoje sem a existencia do Exercito Inglez?

E no caso do Brazil, onde está o Exercito Inglez salvador da nossa nacionalidade?

Acaso pensaremos hoje como pensamos em 1865, que o patriotismo Brazileiro tudo supprirá no momento necessario?

Não tivemos agora mesmo o exemplo da Inglaterra e da propria França que tão amargamente pagaram a influencia das correntes pacifistas?

Tiremos desta Guerra as lições que ella nos offerece e não pretendamos muito cedo colher o fructo mal sazonado da Paz Universal!

Capitão Borges Fortes.

Causas de victoria e derrota dos principaes exercitos nas guerras dos séculos XIX e XX

(Conclusao)

Quanto mais duradoura fôr a paz tanto maior será a necessidade de despertar no corpo de officiaes, o sustentaculo do exercito, o sentimento guerreiro, por todos os meios conserval-o vivaz e cultival-o. O corpo de officiaes do exercito russo na Mandchuria, frequentemente deu mostras de sua dedicação, mas, considerado em conjunto, elle apresentou muito desfalecimento e não se achava imbuido do espirito guerreiro. Faltava-lhe o verdadeiro gosto pelo officio, não era susceptivel de enthusiasmo provocado e alimentado pela grandeza da propria guerra, por sua poezia selvagem; elle não tinha recebido a educação que o fizesse cuidar de um impulso vigoroso, consciencia de que no meio do perigo a sua responsabilidade é maior. Somente quando esta maneira de pensar se torna evidente ao corpo de officiaes, será elle digno de commandar em um exercito nacional. E é por isso que taes sentimentos nada absolutamente têm que ver com o movimento de fazer a guerra. Tal movimento só encontra terreno propicio onde o corpo de officiaes não se abstêm da politica, onde predominam relações como as da França sob o segundo imperio.

O desenvolvimento intellectual do corpo de officiaes em prol do desempenho de sua missão na guerra é de uma grande importancia, contudo a sua educação visando a formação de homens de carácter deve ser collocada em primeiro lugar.

Nos tempos mais recentes, a campanha da Mandchuria veio mostrar quão grande é na guerra a necessidade de se dispôr de homens de carácter que tenham iniciativa, de homens juvenis que tenham nervos e que estejam na altura de, como se impõe, luctarem durante dias consecutivos. Isso vê-se realçado, ha um século atraç, no contraste entre o corpo de officiaes prussianos de 1806 e o das guerras da libertação. Temos toda a razão si na actividade sportiva exercida a lado das exigencias do serviço, vemos

um meio de conservarmos o vigor do nosso corpo de officiaes, cumpre, porém, considerar ahi o sport como um mero expediente cuja importancia não deve ser exagerada.

A varonilidade que os officiaes patentearam na guerra dos boers é incontestavel, como já o confirma o numero de suas baixas comparado com o dos soldados, mas, na maioria apenas elles praticaram actos sportivos no cumprimento de um dever. Quem está habituado a encarar com sangue frio o perigo, tambem cumprirá honrosamente seu dever deante do inimigo, mas, daqui para aquella força de vontade, de que se acha possuido todo homem, de vencer a todo transe, ainda vae um grande passo. Este só pôde ser vencido, mercê de qualidades puramente militares que não pôdem medrar no terreno do sport, mas unicamente no do cumprimento do dever.

Para a educação militar que visa um corno de officiaes aguerrido, uma boa tradição aristocratica é de maxima importancia. Isso, porém, nada tem que vêr com o chamado espirito de casta. Para isso, basta lembrar a exigencia de Washington que, para o preenchimento dos postos de official só queria «gentlemen». (Washington ao Coronel Baylor em 9 de Janeiro de 1777), bem como aquelle espirito que reinava no exercito confederado da guerra de secessão norte-americana. Bem que esse espirito, de acordo com o paiz, fosse genuinamente republicano, elle o era no melhor dos sentidos e não demagogico, como no norte tantos faziam alarde. A efficiencia da capacidade militar das classes dirigentes no Japão teve sua principal origem na tradição, tal como ella existia na antiga geração dos Samurai. No proprio exercito do primeiro imperio francez, apesar das reminiscencias democraticas dos tempos da republica, não tinha desapparecido, como já mostramos, toda a relação que elle tinha com o exercito do «ancien régime». Napoleão procurou, porém, desde logo crear para si uma nova nobreza no exercito e grangear para os postos de official as familias da antiga nobreza. Quão pequena foi a necessaria sólitez que as tendencias republicanas, apesar da pronunciada agitação revolucionaria e nacional, por si só puderam dar aos exercitos da revolução; o quanto, durante tanto tempo, esses exercitos somente ainda se assemelhavam a simples bandos armados; quão diminuto foi o direito de Gambetta de appellar em 1870 para as tendencias de 1792, resalta das acertadas palavras de Chuquet. (La Guerre 1870—1871, pag. 167 e 168). Somentre a criação de uma hierarchia militar, consolidada com o correr dos tempos, pôde, mercê do commando de Napoleão e dos grandes objectivos que elle designava ao exercito, elevar ao mais alto grão, o nível da efficiencia da sua capacidade militar para a guerra.

De resto, a massa considerada em si, como tal jamais poderá imperar. A idéa de dominar só lhe pode ser sugerida por demagogos sem consciencia que querem elles mesmo dominar. Haja visto Gambetta que, tomada a questão no fundo, prevaleceu-se da idéa republicana para aproveitarse della como simples taboleta, afim de exercer, elle mesmo, a dictadura, injuriando, porém, a Jefferson Davis quando francamente o qualificou de autocrata. Si, portanto, já é um disparate o imperio das massas no Estado, por mais forte razão o é num exercito. Muito significativo é o que diz Treitschke: (Politica, II, pag.

275) «Mais difficult do que a criação de uma classe de funcionários civis competentes é na republica a organisação de um exercito permanente. O exercito permanente cuja officialidade muito afagar um determinado espirito de classe, terá sempre tendencias monarchicas». Somentre quando um exercito sentir-se sob o poder do commando de um chefe supremo, é que elle poderá desenvolver-se deveras vigorosamente». E nem outra causa exprime o aphorismo de Napoleão: «Os exercitos são inteiramente monarchicos». (Gourgaud, Ste. Hélène, I). Essas palavras que foram proferidas em Sta. Helena pelo imperador destronado se haviam evidenciado claramente no seu exercito, principalmente, na guarda imperial e no espirito que a animava. Ao lado disso revela-se em toda a sua nullidade a phrase dos soldados francezes a que nada resiste, que estão em pé de igualdade de seus officiaes e são todos elles heróes. (Spectateur militaire, segundo Jaehn. O exercito francez desde a grande revolução até a actualidade, pag. 409). Seja como fôr, por certo não foram esses, que se julgaram eguaes aos seus officiaes, que foram até ao fim no cumprimento de seus deveres, tanto no Beresina como ainda além nessa horronda campanha de 1812, mas, aquelles que, de conformidade com os preceitos da disciplina, estavam unidos aos seus officiaes não somente pelo laço indissolvel da fiel camaradagem e da grande affeção, como tambem pelo habito da subordinação.

«O apparelhamento poderoso, uma necessidade, não é peso que esmague».

Parece que as constantes queixas levantadas pelos defensores da questão do desarmamento geral, allegando que a Europa inteira formava um grande acampamento armado, não têm fundamento si lançarmos as vistas para as relações durante a primeira metade do seculo IX. Naquelle tempo a força armada de todos os Estados era muito menor, entretanto, ella se fazia sentir mais do que hoje, porque em muitos casos só a muito custo conseguiu-se adaptal-a aos recursos financeiros dos paizes, naquelle tempo, incomparavelmente menores. Nessa questão sempre fazer abstracção completa dos Estados da Allemanha meridional, onde as tendencias democraticas de sua representação nacional fizeram decahir por completo o poder militar, mas, a propria Prussia não deixou de encontrar as maiores dificuldades para pôr os seus meios de defesa e, portanto, a sua posição de grande potencia, de acordo com as finanças do Estado. Isso levou ás tentativas de reorganisar o exercito, que, tendo falhado quasi todas, precederam a reforma do exercito feita em 1839 (v. Freytag-Loringhoven, As condições fundamentaes para o exercito na guerra, 1812, pag. 102), tentativas essas que não puderam impedir que o Estado de Frederico o Grande, pelo anno de 1850, se mostrasse incapaz de exercer uma politica vigorosa. Mas, na França, as economias erroneas sustentadas pelas camaras francezes, frustraram permanentemente as tentativas de uma reforma efficaz do exercito, de modo que, sendo diminuta a concorrença do seu povo para o serviço militar, foi a França, por sim, ocupar sua posição, apenas apparente, como potencia. O anno de 1870 acabou então com essa apparença illusoria, de um modo cruel.

Para justificar o serviço militar obrigatorio e a existencia de um exercito forte, a todo momento preparado para todas as eventualidades,

não ha como o desenvolvimento que se operou no sistema militar francez depois das guerras napoleonicas até 1870. Mas esta prova não aproveitará, naturalmente, aos pessimistas decididos, visto como lhes falta todo senso historico, o que alias já explica o menoscabo de suas theorias em cada pagina da historia da humanidade. Seu imperio é o do phrazedo e não o domínio dos factos reaes em toda a sua brutalidade, com que a historia se caracteriza. Eles são essencialmente hypocritas, porque sob a capa de um idealismo apparente, servem a interesses francamente materialistas, apezar de que os pacifistas, talvez a sua maioria, com a sua ingenuidade o façam inconscientemente. Desprezando, em face das exigencias pacificas de momento, as considerações relativas ás exigencias de um futuro de guerras provaveis, a imprudente representação nacional, pouco perspicaz, auxiliada pela opinião hereditaria da superioridade dos exercitos constituídos por soldados profissionaes, nunca consentio que se procedesse a uma transformação radical no exercito. Desconheciam o alto valor moral que reside no serviço militar prestado pessoalmente. As relações que subsistiam na França antes do anno de 1870 fallam bem alto não sómente em favor de generalisação do serviço militar obrigatorio, estendendo-o á totalidade da população em condições de manejar as armas, como também contra a adopção do imposto de isenção militar. As vantagens que offerece a passagem da totalidade da população pela escola do exercito permanente são tão grandes que não permitem o confronto com o prejuizo que ella possa causar á massa do povo. A prova, porém, de que uma organisação militar perfeita, com um exercito sempre prompto a entrar em ação, não causa tal prejuizo, ao bem estar crescente, está no incremento economico que a Alemanha teve durante os ultimos decenios. Esse bem estar crescente permite por sua vez que o povo não sinta tanto o peso proveniente do serviço militar obrigatorio. Cumpre, porém, não attender ás dificuldades que se relacionam com a direcção e o aprovisionamento dos exercitos das grandes massas, o que será tanto mais facil quanto mais disciplinado fôr o povo. A vontade do commando supremo não se pôde transmittir aos millhões de um exercito moderno do mesmo modo como ella era exercida antigamente pela palavra energica de um Frederico o Grande sobre dezenas de milhares, ou pela de um Napoleão sobre centenas de milhares. Hoje nem os commandantes de grandes unidades pôdem fazer valer a sua vontade tanto quanto antigamente lhes era possivel. Tanto maior é em compensação, o valor que adquire a manutenção cohesa da massa.

O desenvolvimento que se quer dar a um exercito que na guerra deve corporificar todo o poder militar de uma nação, mereceu, principalmente em circulos antagonicos ao exercito, o qualificativo da bella expressão «militarismo», sendo, entretanto, esse desenvolvimento o contrario da accepção em que deveria ser tomada essa expressão. Melhor caberia ella ao exercito francez, com a organisação que tinha antes de 1870. Sómente um exercito francez como esse, cujo caracter é essencialmente o de um exercito de mercenarios, traz em si constantemente o perigo de, no interior do paiz, prestar auxilio ao dominio da plebe, á ochlogracia, ao passo que para o exterior «procura provar por factos uma

ambição militar malcontida» (v. Freytag-Loringhoven, idem, pag. 154). Nessa ambição desenvolve-se facilmente aquelle «chauvinismo» que está para o verdadeiro espirito militar como o fanatismo para o verdadeiro sentimento religioso. (General Trochu, obras posthumas, segundo Lehaucourt. *Histoire de la guerre 1870-1871*, II, pag. II).

Foi tambem de um sentimento religioso verdadeiro e não de um fanatismo confuso de humanitarismo cosmopolita que provieram aquellas palavras que um pregador suíço, durante a guerra da Mandchuria proferio em relação aos japoneses: (Benz, *No poder de Jesus*, Sermões, p. 343) «Ali, entre aquele povo desconhecido, distante, diz-se e pratica-se a verdade, ao passo que entre nós, apezar de se declamar sobre isso por occasião de todas as festas, na vida publica e privada essa practica é esquecida de um modo o mais deploravel: Todos por um, um por todos. E' ali que a dedicação por um elevado objecto commun mais uma vez se eleva de um modo tocante, grandioso, admiravel, acima de todos os desejos e interesses do egoismo e de todas as contendidas dos partidos e das classes».

Isso que foi dito para suíssos, applica-se, por mais forte razão, a nós outros. Não devemos atiçar um fanatismo pela guerra, mas, bem ao contrario, cumpre-nos tomar a peito que, na guerra, no campo de batalha, como temos visto a cada passo nessas paginas, não ha nada que mais se vingue do que as negligencias materiaes havidas durante a paz no exercito, bem como a decadencia do espirito militar e o afrouxamento da disciplina militar que faz a união. Nós, mais do que outros povos, devemos encontrar no exercito os vínculos da união, pois, segundo Treitschke (*Politica*, II, pag. 356), «o exercito tornou-se de todos o vínculo efectivo e o mais efficaz da unidade nacional».

Serviço secreto de informações, espionagem e contra espionagem

Conferencia do Tenente Coronel P. Dias de Campos, da F. P. de São Paulo.

Meus senhores. O thema desta palestra foi-me sugerido pela leitura de uma occurrence policial, relatada ha poucos dias nos jornais desta cidade. Dizia-se, nessa noticia que, em Annapolis, fôra preso um subdito alemão, que declarava ser andarilho e entomologista e sobre o qual recabiam suspeitas de exercer a espionagem.

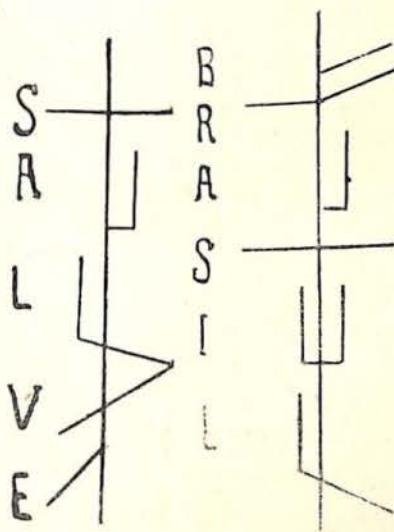
Na sua ligeira bagagem, foram encontrados varios «croquis», desenhos representando insectos, albuns com colleções de paisagens, mapas, itinerarios, etc., que evidenciavam já ser longa a peregrinação desse individuo através dos sertões do sul, a qual foi efectuada sobre estradas de rodagem e caminhos de ligação.

Pois bem, coincidiu esse facto com a chegada ás minhas mãos do recente livro do general inglez sir Robert Baden Powell, eminente fundador do escotismo. Esse livro, intitulado «Minhas aventuras como espião», foi editado em inglez e francez e, vendido nesse um rico manancial de conhecimentos utilissimos, resolvi iniciar sobre o palpitante assumpto que faz o seu con-

teúdo, uma série de palestras, destinadas aos meus officiaes e alunos.

Ante a revelação de que o general Baden Powell exerceu e, diga-se de passagem, habil e proficiente, a espionagem em favor da sua pátria e, tendo em consideração o mérito incontestável do grande militar britânico, pensei desde logo em transmittir aos meus camaradas algumas impressões sobre o serviço secreto de informes, sobre a espionagem e a contra-espionagem.

A repulsa que, tanto os militares como os civis da nossa terra votam ao mister de *espião*, ainda mesmo quando ditado por um sentimento de patriotismo, absolutamente não se justifica. Não é rasoável a antipathia e o desprezo com que o público encara um indivíduo, que, abnegadamente, procura prestar á Patria um serviço relevante, trazendo-a esclarecida contra os manejos de inimigos ou interessados na perturbação directa ou indirecta dos seus negócios.



A nosso vêr, entretanto, isto deriva do facto de se dar, sempre com intuições pejorativas, o qualificativo de *espião* áquelle que presta ao seu paiz o notável serviço de collocá-lo a par dos planos e manobras concebidas pelos inimigos, sem distinguí-lo do *trahidor*, caso em que a palavra *espião* se torna verdadeiramente odiosa.

Se, porém, levarmos em conta os benefícios decorrentes do serviço de um «espião que age dentro da lei», seremos forçados a modificar o juízo ordinariamente formado a seu respeito, considerando-o um patriota que não mede sacrifícios para servir á Patria e que se expõe a todos os perigos para evitar-lhe dificuldades de qualquer natureza.

Nenhum paiz organizado poderá, sem que algum dia veja periclitar seriamente os seus interesses, dispensar o concurso dos agentes secretos de informações.

O desenvolvimento comercial ou militar de um povo vizinho deve constituir uma preocupação máxima para os que têm o dever de ser prudentes, desviando todos os obstáculos que se antolharem ao progresso do paiz ou possam influir desfavoravelmente na sua vida política ou económica.

A repugnância que a acção de *espionar* provoca só se verifica, parece-nos, no seio do povo brasileiro. Outros povos, não sómente os que estão envolvidos no grande conflito actual, como também os demais, europeus e americanos, possuem poderosas organizações, destinadas a assegurar-lhes o serviço de informes.

Homens da responsabilidade e do prestígio do eminente general inglez, muito se orgulham de chefiar e dirigir orientados grupos de agentes secretos, enviados pela Inglaterra para toda a parte.

Nesse paiz, assim como na Alemanha, onde o desenvolvimento do serviço de informações secretas e o preparo do respectivo agente attingiram ao mais alto gráu de perfeição, a nomeação para o cargo é disputadíssima; sómente após uma prova preliminar, é que o pretendente recebe o seu «brevet».

Não é, portanto, desairoso para quem quer que seja exercer, eventual ou efectivamente, semelhante função, visto como ao illustre militar britânico coube desempenhal-a em diversas circunstâncias, como *agente estratégico*, prestando, dest'arte, inestimáveis serviços ao seu torrão natal.

Nem todo indivíduo está apto para exercer a espionagem em favor da sua Patria, ainda que o seu patriotismo lhe indique esse dever, por quanto o espião precisa reunir qualidades indispensáveis e excepcionais, para que possa satisfazer, com efficiencia, a tão arduo mister.

O agente secreto deve ser devotado aos maiores sacrifícios; precisa possuir uma saúde que resista a todos os desconfortos e privações; precisa alliar á força physica o mais absoluto sangue frio, á prova de todas as difficultades; deve saber adaptar-se a todos os meios e a todas as situações. O agente passa uma vida atribulada, cheia de perigos, imprevistos e emoções, por isso mesmo, mui dignificante. Merece, pois, mais do que o soldado que cai isoladamente no campo de batalha, visto como, muitas vezes, a sua acção evitou verdadeiras hecatombes aos seus compatriotas.

Sabe-se de muito indivíduo que pratica a espionagem como simples «sport patriótico», dilatando a sua actividade por toda a parte, em lances perigosos e tarefas extenuantes, sem aceitar qualquer retribuição pecuniária e, em varios casos, occultando o seu esforço, para maior realce dos resultados obtidos.

Aplicaremos, pois, no Brazil, unicamente aos trahidores da Patria o epitheto malsoante de «espião» ao «espião-trahidor», designando os bons patriotas, os que — por amor ao seu paiz — se entregam a taes trabalhos de informações, pelo qualificativo *sympathico* de «agente de informações».

Esses agentes, militares ou civis, se distinguem, uns dos outros, pela especialidade das informações que procuram. Assim é que a agencia geral os classificou em agentes estratégicos, táticos, esclarecedores e diplomáticos. Nestes últimos dias surgiu uma nova entidade: o agente pacifista!

Em quanto o agente diplomático procura excitar a população civil de um determinado paiz contra a acção dos governantes, lançando mão de todos os meios, principalmente dos descontentamentos e dissensões políticas, afim de promover sedições, no intuito de perturbar a vida normal

das populações e desviar do theatro da guerra as tropas necessarias á manutenção da ordem interna — os demais agentes procuram obter informações sobre as condições políticas e militares da nação; detalhes sobre equipamento das forças, bem como informes topographicos da região, no ponto de vista tactico, dirigindo as suas pesquisas para a construção de pontes especiaes, collocação e posição da artilharia e interrupção eventual nas comunicações.

Além dessa tarefa perigosa, os «agentes-escleredores» são obrigados a agir no campo de batalha e na propria linha de fogo, trazendo o quartel-general informado quanto aos intuições do inimigo, movimento de tropas, collocação das reservas, concentrações, situação das fabricas e depósitos de munições.

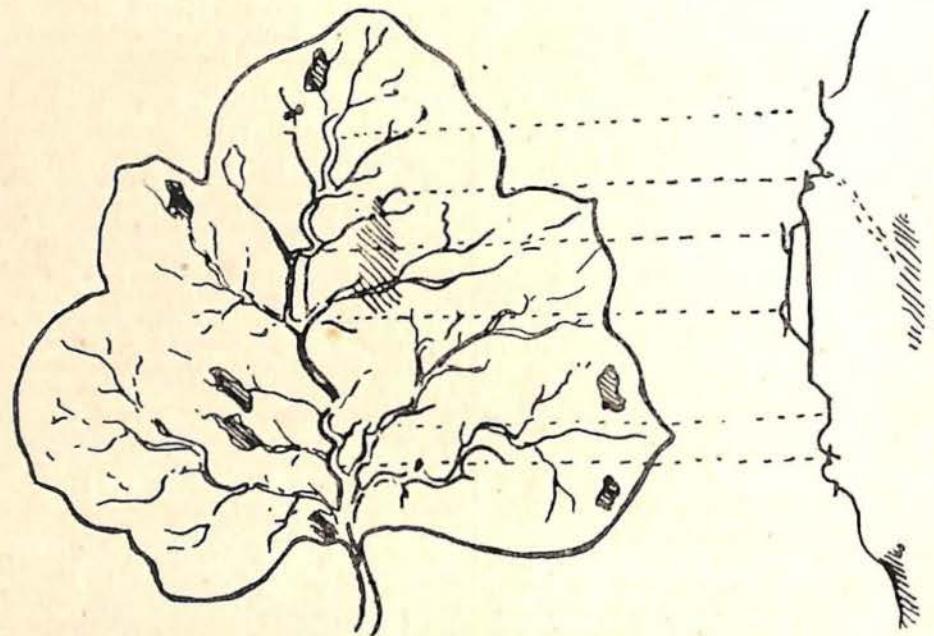
Essa tarefa, terrível dentre as que mais o são, cabe geralmente a officiaes de valor, que se oferecem em holocausto á Patria. Para a desempenharem, porém, são elles forçados a usar dif-

planicies; estradas de ferro e de rodagem; rios e florestas.

As gigantescas peças de artilharia allemãs, empregadas no princípio da guerra, e que fizeram estalar como frageis cascas de noz as vigorosas couraças das fortalezas belgas e francesas, foram installadas em pontos estrategicos, de antemão escolhidos e preparados sobre solidos embasamentos de concreto. Essas construções se fizeram sob rigoroso segredo e fóra das vistas das autoridades encarregadas de zelar pela segurança desses paizes.

Na Belgica e na França, ainda em plena paz, foram organisados, com vagar e meticuloso cuidado, os pontos destinados a receber as peças de artilharia pesada allemã, que desempenhou um papel preponderante na invasão dos territórios desses mesmos paizes.

Não deixa de ser curioso e interessante saber-se como procediam os allemães para preparar, com socego e sem despertar desconfiança, o em-



ferentes disfarces, que os põem ao abrigo de suspeitas.

Inestimaveis são os serviços do agente-diplomatico.

Na presente guerra, por exemplo, os agentes britannicos dessa categoria puderam vencer em astúcia os espiões allemães, que tentaram sublevar as populações mahometanas do Egypto e das Indias contra o domínio da Gran-Bretanha. Conseguiram também destruir os cálculos teutonicos, no sentido de ser desencadeada uma guerra civil na Irlanda.

Em todos esses casos foi a contra-espionagem praticada intelligentemente, de modo a maravilhar os proprios adversarios.

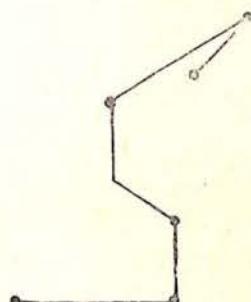
Antes da guerra, a astúcia allemã, servida continuamente por espiões bem adestrados, exerceu a sua actividade nos paizes limitrophes, colhendo informações sobre a quantidade e composição das tropas a serem empregadas em caso de luta; sobre os caracteristicos das montanhas e

basamento, de longa e custosa construção, em que devia apoiar a artilharia pesada.

Para esse fim adquiriram, como particulares e industriaes, o terreno necessário, levantando uma vasta e ao mesmo tempo ligeira construção, que á primeira vista parecia ser uma usina. Ali trabalharam, sob o mais absoluto sigillo, operarios especialmente trazidos da Alemanha, os quaes foram empregados no preparo, sob esse abrigo, do embasamento referido. E, no momento da invasão, desapareceram como que por encanto essas construções, surgindo, no seu lugar, a bocca terrivelmente mortifera, do «Dicke Bertha». Enormes foram a surpresa e o espanto, quando se desmascararam as grossas peças, no mesmo instante em que o exercito invasor talava as cidades e campos dos paizes martyres. Existisse nesses paizes uma organização permanente, creada para colher informações sobre a acção dos estrangeiros domiciliados no territorio patrio, e factos como esse não se teriam produzido.

A espionagem é, em geral instituída, para se saber do que se passa em terras estranhas e não para se observar, de perto e estreitamento, os «amigos», que se abrigam á sombra da nossa generosidade...

Existe para isso a contra-espionagem, recentemente criada, a qual neste momento, já muito desenvolvida, vem dando óptimos resultados.



A organização do serviço e a composição do pessoal nelle empregado quasi não variam de um paiz para outro. Na Inglaterra, segundo estamos informados, existe um *agente geral*, auxiliado por *agentes moveis*, encarregados de percorrer o paiz á cata de informações, e pelos *agentes a postos fixos*, que assignalam aos primeiros as instruções do quartel-general e transmitem á «agencia geral de informações secretas» os relatórios que os agentes especiaes lhes apresentam, afim de que taes documentos sejam, com o devido cuidado, encaminhados ao seu destino. Esses agentes fixos, aliás com muita propriedade, são denominados: «Caixa Postal».

São muito interessantes os estratagemas e ardilis de que lançam mão esses agentes e os disfarces de que se servem para alcançar o seu fim. Para dar uma ideia deste pormenor, acompanharemos, — em outra palestra, — em uma das suas excursões de aventuras em paiz estrangeiro, o famoso general inglez.

* * *

Fóra do quadro dos officiaes de terra e mar, difícil é fazer-se o recrutamento dos agentes, dispondo de conhecimentos technicos especiaes, que lhes permittam realizar estudos e uma documentação detalhada sobre a marinha de guerra e sobre o exercito de um paiz.

Dahi o apparecimento voluntario do grande homem como agente secreto, dirigindo importantes trabalhos em favor da sua Patria.

Quando Baden Powell, que anteriormente trabalhára em diversos pontos da Europa, Asia e Africa, entrou em contacto com espionês allemaes, por occasião de uma contra-espionagem efectuada na propria Inglaterra, pouco tempo antes da conflagração, teve conhecimento de um terrivel, quão grandioso plano, que, a realizar-se, seria uma calamidade para as Ilhas Britanicás. Occupavam-se os allemaes com um projecto de invasão militar da Gran-Bretanha. Acreditavam poder, em dado momento, interromper por meio de minas e torpedos, as comunicações da Marinha Ingleza, immobilisando, simultaneamente, em Spithead e Portland, a frota de guerra britannica.

Uma vez bloqueado o caminho de Douvres, as tropas allemans, enviadas pelo Mar do Norte,

desembarcariam na costa oriental da Inglaterra, tomando pé em East-Anglia e Yorkshire, ao mesmo tempo.

Ao longo das costas da Allemanha estavam sendo alinhadas pontes modernas, de embarque e desembarque, com as respectivas plataformas, promptas para serem collocadas nas embarcações especiaes de transporte.

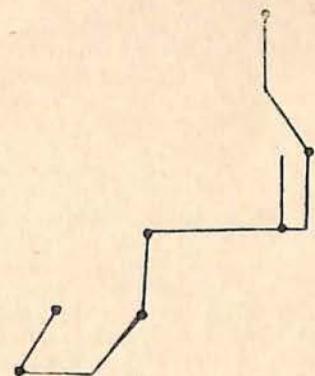
Barcos extraordinariamente rapidos tambem já se achavam promptos para transportar as tropas até os vapores, sendo que, caso o tempo se mostrasse favorável, deviam pôr-se em caminho directamente para o ponto assignalado para o desembarque!

Aguardavam elles apenas o signal de partida. A data fixada para a realização da árojadá empreza — 13 de Julho — coincidia com as férias bancarias, época em que as communicações nas Ilhas Britanicás e no continente central europeu ficavam mais ou menos desorganisadas.

Os espionês, espalhados por toda a Gran-Bretanha, tinham a incumphia de cortar os fios telegraphicos e telephonicos, para melhor assegurar o exito da temeraria empreza.

O chefe do serviço secreto britannico chegou á conclusão de que os allemaes baseavam as vantagens do desembarque em Yorkshire, no facto de ser esse um ponto de população densa, avaliada em 14 milhões de habitantes, disseminados por cidades que se agglomeram, quasi sem solução de continuidade. Nestas condições, bastariam 90.000 homens para que Leeds, Sheffield, Halifax, Manchester e Liverpool fossem capturadas, sem resistencia. Os allemaes ahi se fortificariam, de maneira a não ceder, mesmo em luta contra poderosos contingentes.

Se vingassem semelhantes calculos, as populações desses ricos centros industriaes ficariam, em pouco tempo, reduzidas á fome, dispersas e sem abrigo.



Parecerá fantastico um plano tão vasto e tão audacioso; mas os allemaes, conforme o chefe do serviço, que com elles entreteve relações, sem que suspeitassem tratar-se de um contra-espion, achavam tudo isso de facil consecução! Chegavam mesmo a referir-se ao tratamento que pretendiam dar ás populações o qual não seria «a luvas de pelica», asserção essa que vemos hoje comprovada pelo soffrimento dos povos das regiões invadidas.

Sabe-se que esse plano não era absolutamente desconhecido do governo britannico mas só deixou de ter execução, porque as complicações que

sobrevieram, retardaram o momento até 2 de Agosto de 1914, data em que estalou a conflagração.

A contra-espionagem que desvendou a trama dos alemães, dirigida, como dissemos, com tanta habilidade, lutou contra grandes obstáculos para chegar ao fim colocado, por isso que tinha como adversários agentes experimentados e peritos em tal serviço.

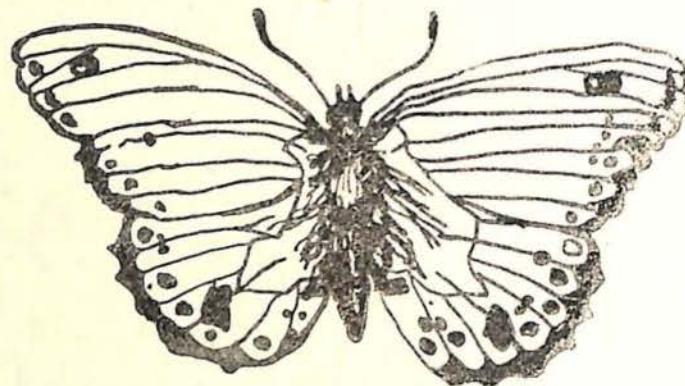
Havia disfarces interessantes e engenhosos: signaes convencionados para a correspondência, feitura de «croquis», etc.

De quantos estratagemas tiveram os agentes britânicos que lançar mão, para se assenhorearem dessa trama, tão bem urdida! Para a transmissão de mensagens usavam de meios práticos, que sempre deram o mais satisfatório resultado. Com signaes de braços, feitos no semaphoro, traçavam hieroglyphos indecifráveis para os que não conheciam o processo.

cupo, com um ponto no centro, servia para indicar que a pessoa se tinha recolhido.

Nas árvores e com os galhos de arbustos e pedras encontradas no caminho, também se organizavam muitos signaes, comprehensivos sómente para os agentes.

— O Exm.^o Sr. Presidente da República, na sua mensagem sobre a declaração de guerra, disse que a espionagem é «multiforme». De facto, o é. Quem suspeitará de um lunático entomologista ou herbanário, que, de sacola em punho, álbum e rèle presa á ponta de uma vara, percorre montes e vales, à procura de borboletas, grilos, folhas ou raízes, — como esse indivíduo preso em Annapolis e que deu origem a esta palestra? — Entretanto, ficariam edificados, se o observassemos attentamente, seguindo-lhe os passos. Taes indivíduos, aparentemente inofensivos, se mostrariam exactamente o que são: — perigosos agentes inimigos, á cata de «croquis» de



Sabem os que praticam os signaes de braços que, na transmissão de letras, ora se apresenta um braço, ora outro e, às vezes, os dois, juntamente. Pois bem, os traços unidos á haste, conforme se vê no desenho que aqui oferecemos, indicam signaes do alfabeto. Nesse simples desenho lê-se uma mensagem completa, utilizando para isso o semaphoro adoptado pe'a Associação Brasileira de Escoteiros:

Exemplo:

A letra *S*, a primeira presa á haste, é formada com os dois braços abertos, horizontalmente; a letra *A*, é formada, tendo-se o braço esquerdo em posição vertical; a letra *L*, forma-se, tendo o braço esquerdo vertical e o direito horizontal; a letra *V*, forma-se com braço direito em diagonal para cima e o esquerdo para baixo; a letra *E*, deve ser feita com o braço direito em diagonal para baixo. Temos, deste modo a palavra: SALVE.

Da mesma maneira, formam-se as outras palavras que fizerem parte da mensagem.

Outros signaes igualmente engenhosos adotou o chefe do serviço, para a organização secreta que dirigia: um quadrilátero de alguns centímetros, traçado a giz ou a carvão nos muros ou no chão, ou com a ponta de uma haste na areia, tendo uma flecha para indicar a direcção e um numero romano escrito no centro, indicava ao cúmplice o local e a distância em que se achava oculta uma mensagem. Um *X*, feito em forma de cruz de Santo André, evitava que o cúmplice seguisse uma pista errada. Um cí-

fortalezas, baixas, ancoradouros, estradas e caminhos de ligação.

O álbum em que lançam, em simples registo ou desenho, os seus achados, a um leigo nada significará; mas, ao traquejado na Historia Natural não passariam despercebidas as manchas das azas de uma borboleta ou as veias da folha de uma planta qualquer.

Um golpe de vista sobre os desenhos que aqui oferecemos mostrará de que meios se utiliza o espião, para desempenhar a sua tarefa, sem causar suspeitas.

Como se vê, neste «croquis» de uma borboleta estão inscritos os contornos de uma fortaleza, bem como a posição e o poder das peças aí assentadas.

Os signaes lançados entre as linhas que formam as azas do insecto nada significam; mas, os que se encontram collocados sobre os traços revelam a natureza e a capacidade dessas mesmas peças. Nas azas dessa borboleta, estão reproduzidos a configuração do forte e o tamanho dos seus canhões. Cada uma das peças está situada no interior do forte, exactamente no ponto em que o traço respectivo, antes de tocar ao corpo da borboleta, se interrompe. A cabeça do insecto indica o norte.

Agora, senhores, vou apresentar-vos um outro exemplo ou antes collocar-vos ao corrente de um outro golpe de mestre, que pôde ser dado em assuntos de espionagem. Temos aqui um «croquis», em que vem reproduzida uma folha de hera. O «herbanário-espião» aí lançou os traços

necessários para indicar a configuração de uma fortaleza, esforçando-se ao mesmo tempo para fazer acreditar que se trata apenas de uma «frente de batalha», visto como as veias centrais induziram facilmente um contra-espião a esse engano.

Como na borboleta, na folha de hera os signaes que se acham dentro dos contornos do forte, reproduzem as peças de artilharia e metralhadoras e as suas respectivas posições, situadas no ponto de parada de cada veia.

As manchas maiores representam as peças de artilharia pesada.

Outros meios, na apparencia inoffensivos, são usados frequentemente pelo espião, para indicar o plano de um forte. Esboçado um plano, procura elle mascaral-o, consubstanciando-o em desenhos de vitraux de diversas cores, em vez de servir-se da borboleta ou da folha de plantas.

Em muitos casos, conseguem localizar as peças pesadas existentes no forte, por meio das cabeças de figuras pintadas nos vidros, ou pela moldura com que guarnecem os desenhos de taes quadros.

Senhores: Pelo que ficou dito, vê-se que a contra-espionagem e mesmo a propria espionagem em beneficio da Patria são duas instituições primordiaes na vida de uma nacionalidade, forte e bellicosa ou pacifica e inerme.

O brasileiro, que crê facilmente na sinceridade e lealdade de quantos se encontram no seu sólo, precisa conhecer, em toda a sua extensão, a ardua dos serviços secretos, de forma que, ficando possuído de uma desconfiança, — que não lhe é natural, — se torne apto para exercer a contra-espionagem em beneficio da nossa grande Patria, em beneficio do nosso caro Brazil.

uma tradução desses dois artigos, acompanhada destas simples considerações.

E excusar-se-ão os defeitos á vista do proposito meu de comunicar aos camaradas uma informação interessante; e tendo em consideração a importancia do assumpto, relevarão os erros de technica.

O ultimo numero de «La Science et la vie» — de Setembro — traz sob o titulo «Fallencia da nova tactica allemã» uma noticia ligeira ou diffusa do methodo a que me refiro. Das duas noticias, a do «Scientific» e desta, vê-se quão imprecisas são as theorias dessas questões — indo o vago desde os termos ao julgamento e conclusão. Entretanto a noticia do primeiro tem cunho muito menos litterario e mais technico e logico.

Todas as revistas norteamericanas (e não são poucas) que tenho lido, quasi que só da Guerra se ocupam. Combatem para a victoria com a sua arma propria — a pena — e o fazem de um modo pratico e curioso — colaborando todos com o mesmo proposito e para o unico objectivo: ganhar a guerra.

Parece que o fito dessa gente não é vencer só pela força, mas tambem pela convicção de superioridade integral, material e espiritual, physica e moral. Fazem a guerra da liberdade — pelos ideaes liberaes e empregando todos os processos liberaes. Este desideratum e taes processos são tambem por certo os da Terra do Cruzeiro que bem o sabemos, os substituiria por melhores se melhores houvesse.

Tudo que o acervo de conquistas da especulação humana pode fornecer, que as feituras da arte pode realizar, dando corpo ás creações e combinações do engenho humano, elles vão genial e rapidamente apropriando á pratica e por fim empregando com efficacia.

Não é pensamento meu negar o que outras nações têm feito, e o que digo não importa em tal negação.

Se está no consenso unanime o conceito de que a *velocidade* é factor mais importante na guerra que a *massa* de materiaes, que valem só oportunamente utilizados, não tem sido orientada sempre por tal asserto a pratica corrente por motivos muitos.

Pois tratam elles, os yankees, de os remover, a estes, aguçando todas as suas pesquisas e experiencias com a perseverança calma e opiniatica do saxão.

A velocidade nas resoluções vem de um ades-tramento methodico e sabiamente traçado, servido pela instrução fundamental apropriada.

E as escolas creadas para esse fim ainda agora são muitas.

A velocidade na execução resolve-se por fim pelos meios de comunicação e transporte. Estes tem o seu contingente mais amplo, flexivel e livre no automovel quer terrestre a duas, tres e quatro rodas, quer aquatico ou aereo. Não cogitamos agora dos outros meios de comunicação, de informações e transmissão de ordens. Por isso, não falemos de vias aquáticas ou ferreas e dos serviços aereos, telegraphicos, rádio-telephonicos, serviços comissionados ao corpo de signaleiros com o seu apparelhamento copioso inclusive os estafetas — dispatch riders — tudo para informar rapido, acelerar, abreviar de todo o modo possivel.

Nova feição de processo antigo de combate

No «Scientific American», de agosto ultimo, lê-se sob o titulo «Tactic and Tanks», uma interessante noticia que se detalha nestes dizeres complementares: — Como o Generalissimo Foch se assenhoreou do methodo de ataque do ariete de von Hutier — Battering Ram — e o melhorou.

Basta este titulo para chamar a atenção e despertar curiosidade tanto para a noticia em si como principalmente para o processo ou sistema referido.

E corridas estas linhas penso que ver-se-á que existem motivos para tanto.

O artigo de que falo foi precedido de outro publicado em numero anterior do «Scientific»: «Das trincheiras para o campo razo». Este é preliminar indispensavel para intelligencia do segundo, citado acima: juntando commentarios adequados, traz elle a descrição e o historico do tal methodo creditado a von Hutier.

Ainda não li em nosso idioma qualquer coisa sobre este processo de ataque, que, conforme o «Scientific» deu aos allemães bons resultados na frente oriental, optimos na occidental e manejado pelo Generalissimo Foch, os deu maravilhosos aos cooperantes Aliados e Americanos.

E' pois motivo para dizer delle algo, apoiado na robustez do escriptor, que fala pelas colunas autorisadas da referida revista e o faço pelo melhor, dando para a «A Defeza Nacional»

Mas falemos só no transporte de grandes forças e materiaes em regiões sem ferro-vias, pelo automovel, no aligeiramento destes, mesmo para o caso dos tanks e sua modificação para arrastarem-se, quaes serpentes, por quasi toda a parte com a cadeia propulsora sem fim desdobrando-se sobre o solo, substituindo as rodas e conseguindo maior adhesão e menor pressão sobre o terreno e, por fim, maior avanço.

Está na memoria o que ocorreu em Verdun, onde o transporte pesou decisivamente para a victoria.

Eis porque tanto se preocupam com o aperfeiçoamento dos autos em vista da sua applicação ao serviço de campanha.

E mais. O material a suprir precisa de estar no lugar a tempo e em sufficiencia para as necessidades.

As organizações do governo (controle) economico, fomento e melhoria, são estudadas, planejadas e postas em accão para intensificar a produçao e tornal-a mais efficiente.

Nem a selecção, o recrutamento do pessoal para esta accão, o qual deve ficar nos seus postos, não devendo ser distraído para outro fim, permanecendo applicado nas diferentes modalidades deste trabalho todos os especialistas habens desde os inventores, investigadores, chimicos, electricistas, mecanicos, até os proprios artífices e agricultores — nada disto foi esquecido.

Tudo revela, pois, em summa, o espirito ubíquo, integral, de previdencia.

Leiam-se as revistas e as publicações que ficar-se-á maravilhado e ver-se-á que não exagero.

Se, pois, as occurrences da guerra interessavam a todos; se as suas vicissitudes — progresso e paralisação; os recursos dos belligerantes prendiam a attenção, clamavam pelo estudo dos officiaes desta arte, com a entrada dos norte-americanos na guerra o interesse cresceu. Apparecem sempre coisas novas curiosas; ou pelo menos já se tem mais noticias do que vae occorrendo e informações mais completas e suggestivas atravessam as malhas da censura.

E se vai accentuando á vista dellas que a arte de Napoleão é uma arte scientifica, modernisada e que pode e deve ser liberal e humana.

Torna-se bem saliente o papel da industria e fabrico modernos — representados pelos economistas, industriaes, engenheiros civis e militares.

Cuida-se intelligentemente de amenizar e alliviar os males e agruras da lucta e cortar os seus consequentes estragos, mutilações, etc.

Em summa: parece que um sopro vivificante dá animo, allívio e feição menos triste a tudo. E mais: que um fluido atrativo expande-se de lá do campo da luta até nós, seduzindo a um estudo que as obrigações do officio mais forçavam a se fazer do que convidavam.

A America pesou forte com a opinião do seu representante para a instituição do commando unico, requerido por todos e reclamado pelas necessidades da efficiencia de accão. E não era só como centro coordenador de actividades apenas, mas tambem para regularizar a sua intensidade e oportunidade e precisar a sua applicação prompta e firme, expurgando a resolução das discussões e competições.

Pelo menos coincidiu com a entrada da America do Norte na guerra essa providencia sempre reconhecida necessaria, mas que parecia aguardar a paz universal para ser realizada.

Tambem coincide com a effectividade da collaboração americana a passagem de uma defensiva eterna para a offensiva robusta, calculada, segura, e victoriosa sempre, dos cooperantes — Entente e Estados Unidos.

Com esta preliminar que, termina mostrando de algum modo porque eu me pronuncio desta forma a respeito dos americanos e põe bem em evidencia o interesse sempre crescente que despertam as coisas da terra desses nossos amigos do norte; vou apresentar a tradução dos dois artigos relativos ao methodo de von Hutier que, certo os lidos e entendidos já conhecem bem. Mas talvez tenham delle noticias por outras fontes que eu desconheço.

* * *

Na feição primitiva do methodo e em a sua forma melhorada, ambas allemãs, deu elle celebidade ao seu inventor, principalmente nas offensivas de 31 de março e começo da de 15 de julho, até quando os aliados souberam e puderam se lhe oppôr.

E na sua forma nova ultima, sob que appareceu este methodo de ataque entre os aliados, muito produziu manejado pelo Generalissimo Foch que delle se assenhoreou e o melhorou: aparelhau-o com os meios de que soube e pôde dispôr.

E isto que diz o «Scientific». Diz mais: «O methodo fez-se *Boomerang* para von Hutier (ou para os allemães). (Observação: *Boomerang* é um instrumento de madeira, forte em forma de crescente, e balanceado do modo a, após tocar o alvo, voltar aos pés do atirador; originario da Australia (Larousse, ou J. R. Scientific de Tissandier). Em termos nossos: virou o feitiço contra o feiticeiro.

Ora Foch, este mestre da guerra, não chama a si nem empregaria um *methodo* de ataque que não fosse optimo, e os resultados que temos conhecido o estão provando — mórmente por sua procedencia, antipathica aos aliados, conhecido como é com o nome do seu inventor, pois é denominado: methodo de ariete de von Hutier.

Pelos dois artigos os competentes poderão fazer ideia do methodo ou processo e ainda julgar da exactidão dos conceitos e apreciações do escriptor, que considera o methodo como uma especie de sumula dos ensinamentos da guerra actual no assumpto.

E mórmente da affirmação: que este methodo foi adoptado por Foch que o aperfeiçoou em seus lineamentos e apparelhamentos.

Das trincheiras para o campo raso

«Com o methodo de ataque de von Hutier rompem-se os baluartos da frente Oeste.»

Os estrategistas voltam ás cathedras a 21 de março, pois neste dia os allemães começam a sua importante offensiva contra os ingleses e ao lado de immediatos resultados em forma de prisioneiros, despojos e de uma ampla captura ou conquista de terrenos, elles conseguem transpôr ou quebrar uma estensa frente de trincheira que tinha prevalecido desde 1914. O inquebrantavel, *dead Lock*, partiu-se.

Porém, isto não ocorrerá pela maneira muitas vezes sugerida pelos estrategistas de *cathedra*.

Era um plano muito mais formidavel do que qualquer anunciado pelos que deveriam ser en-

tendidos como militares peritos. Consequentemente elle requeria muito mais numerosas tropas do que qualquer poderia aventurear-se a suppôr, para uma simples batalha. E por fin, surgiu esse plano por occasião da conferencia em Brest-Litovsk, quando a Russia foi posta á mercé do exercito allemão por Trotzky, Lenine e outros.

Havia sido erro commun considerar a frente francesa como *inexpugnável*; isto é, suppôr que nô poderia ser rompida ou ao menos considerar a guerra de trincheiras como o unico modo moderno de combater.

Apesar de tudo em mais de uma occasião o sistema de trincheiras de ambos os lados tem sido rompido em uma pequena frente; com efecto, já em maio de 1915 os franceses fôrçaram as defezas allemãs do norte de Arras e foi sómente a falta de meios para proseguir e levar aíém a ruptura, como tambem a rapidez com que os reforços allemães barraram a passagem ou taparam a brecha, que impidiu aos franceses de envolverem consideravel numero de allemães. Ingleses, franceses e allemães têm mais de uma vez penetrado no sistema de trincheiras inimigas; porém nunca antes das investidas allemãs deste anno haviam se encontrado meios para proseguir na ruptura inicial da frente occidental, levando além o avanço.

A um General allemão — von Hutier — pertence o privilegio de haver planejado um feliz metodo de romper uma frente inimiga e proseguir no avanço infiltrando-se pelo campo inimigo e assenhoreando-se do terreno, capturando numerosos prisioneiros, canhões e despojos em um esforço singularmente prodigioso.

Von Hutier poz em pratica um metodo que, não obstante ter-lhe sido creditado e tomado o seu nome, parece ser pouco mais do que a apropriação em grandes proporções dos numerosos methodos e lições desta guerra. E' o metodo uma idéa complexa, uma composição eclectica, pode-se afirmar.

A oportunidade que teve von Hutier de experimentar a efficacia de seu metodo apareceu primeiramente no contra-ataque ás forças russas na Galicia em julho de 1917 e por occasião da captura de Riga no mez seguinte.

Contra o exercito russo o schema funcionou perfeitamente; e, com o completo colapso das forças moscovitas von Hutier voltou a sua attenção para a frente Oeste onde elle havia de lhe conferir, ao metodo, o importante papel de terminar a guerra por uma serie de nunca vistas e brilhantes offensivas.

No metodo de offensiva de von Hutier ha dois factores essenciaes:

1.º — preponderancia de homens, artilharia e outros recursos militares na scena da batalha;

2.º — o maior segredo observado antes de romper a offensiva, de modo a tomar o inimigo de absoluta surpresa, sendo inteiramente inesperado o ataque.

O primeiro factor foi alcançado pela traição da Russia. Mais de um milhão de allemães fôrâm transferidos do Leste para o Oeste enquanto que mais ou menos sete mil canhões e vastas provisões de granadas e outros materiais de guerra eram deixados aos invasores allemães na Russia pelos desmoralizados soldados desta Região.

Deste modo os allemães mesmo confessaram sua superioridade numerica na frente occidental

no começo do anno, de ao menos vinte divisões e os acontecimentos subsequentes revelam que a superioridade devia ter sido ainda maior.

Continuamente, desde o outono de 1914, os exercitos combatentes viveram e combateram nas trincheiras. Estas trincheiras correndo paralelamente em toda a extensão da sua frente, impediram qualquer mobilidade notavel dos exercitos.

Nenhum flanco para enfiar ou contornar. Todos os ataques frontaes, acarretando consideraveis perdas para algumas centenas de jardas de terreno ganho. A estrategia muito limitada, quasi restringindo-se ao adelgaçamento de certas secções da linha para então formar exercitos moveis ou massas de manobras para a inauguração de ataques a pontos determinados ou para repellir ataques inimigos.

E apôs a obtenção destas pequenas vantagens que sómente podiam ser medidas em jardas em vez de milhas, ambos os lados ficavam apparentemente satisfeitos e sentiam-se seguros com um numero de trincheiras paralelas sufficiente para dar uma profundidade de dez a quinze milhas a contar do exterior.

O segundo elemento do metodo de von Hutier, a surpresa, requer extrema precaucao. E com aeroplanos voando constantemente sobre a frente de batalha e á boa distancia para o seu interior, é extremamente difficult esconder os movimentos militares.

Munições amontoadas a descoberto, novos aerodromos, novas vias ferreas, novas estradas, hospitaes, concentração de tropas — todas estas coisas são immediatamente notadas pelos observadores inimigos e logo são tomadas medidas para resistir ao ataque imminent.

E' preciso a maior vigilancia para impedir que os relatórios dos espiões, as declarações dos prisioneiros, as indiscreções da imprensa, deem qualquer informação aos inimigos. Finalmente ainda ha a propria artilharia, que não obstante ter de fixar suas bases para alvejar, precisa de o fazer de modo a não revelar a grande concentração que se está realisando.

Para prevenir que escapasse qualquer informação, as autoridades allemãs suspenderam todas as licenças e toda correspondencia enquanto a offensiva de março estava sendo preparada. O movimento de civis entre a Allemanha e as regiões ocupadas da França e da Allemanha era prohibido.

As unicas tropas que ficavam nas trincheiras eram as de defesa regular ou guarnição, por isso que o presente schema da disposição allemã era haver tropas de segunda ordem na linha de frente, sustentadas por tropas escolhidas ou de assalto, á retaguarda, promptas para o ataque ou defesa.

As tropas de guarnição, as primeiras, nada sabiam de exacto quanto á occasião ou ao lugar objectivado para a offensiva, nem mesmo se ella ia realisar-se, afim de que informação alguma pudesse dar aos ingleses ou aos franceses na eventualidade de ser feito prisioneiro delles, qualquer homem da guarnição.

As organisações da retaguarda das linhas allemãs eram consideradas sufficientemente preparadas para occorrerem aos accidentes resultantes da luta; por isso, nenhum novo hospital era estabelecido que pudesse despertar suspeita ao inimigo.

Equal norma era adoptada quanto ás vias ferreas, aerodromos e depositos de provisões.

As munições eram escondidas em excavações apropriadas ou em cavernas; tudo feito á noite.

Milhares de canhões fôram conduzidos á frente britannica para a offensiva de 21 de março.

Estas peças eram do melhor modo possivel occultas nas florestas ou mattas e quando no campo, nos lugares descobertos, cuidadosamente mascaradas, disfarçadas. Só á noite, é que era preparada e feita a sua installação; afim de evitar as vistas de aguias dos *scouts* aereos britannicos. Os tiros de prova, o registro das baterias, eram apenas aproximados; e, algumas vezes, a cada canhão eram sómente permitidos tres disparos, afim de não levantar suspeita dos observadores britannicos.

Por ultimo, os exercitos allemandes destinados ao grande combate eram concentrados a umas seis milhas para traz da frente donde podiam ser movidas com igual facilidade e levados a qualquer ponto entre Verdun e o mar. Afim de que nenhuma confidencia pudesse escapar, com relação a seu destino, soldados e deinais officiaes ficavam privados de qualquer intimidade com os officiaes superiores. Poucos dias antes do ataque as tropas avançavam para o campo de batalha, fazendo marchas forçadas e tudo só á noite.

Aeronautas patrulhavam as estradas por onde iam as tropas, para descobrirem e denunciarem qualquer movimento suspeito ou clarão, restea de luz, que pudesse trahir a presença de tropas. E qualquer unidade suspeita ou accusada de descuido era severamente chamada á ordem.

Durante o dia as tropas aquartelavam-se nas habitações ou nas mattas, fóra das vistas dos aviadores alliedos.

Quando rompia o intenso bombardeio de artilharia sobre as posições britannicas, fazia, von Hutier, uso amplo das granadas de gaz, pois esta munição não requer grande cuidado em sua aplicação.

A artilharia allemande atirava sessenta por cento de granadas de explosivo energico ou violento, trinta de shrapnells de espirro (*smeezing shell*) que provocando horriveis espirros obrigavam a tirarem-se fóra as máscaras protectoras; dez por cento de granadas de gaz asphyxiante, tudo contra as trincheiras.

Na acção contra as baterias tambem eram atirados setenta por cento de shrapnells com a droga que fazia espirrar, dez por cento de granadas asphyxiantes e vinte por cento de granadas de explosivo energico. A barragem por detrás das trincheiras britannicas, destinada a impedir os reforços, era em proporção de sessenta por cento de shrapnells de espirro, dez de asphyxiantes e trinta, de explosivo energico. Em vez de fazer o bombardeio por dias de antecedencia, dando deste modo ampla notificação da acção a empenhar-se, a artilharia de von Hutier fazia breve, porém, cruel preparo.

A desmoralisação da infantaria britannica levava por toda a parte pelo intenso fogo de artilharia, era imediatamente explorada pela infantaria allemande, avançando por successivas ondas.

O usual fogo de barragem em cortina precedia á primeira onda de infantaria. Esta era mais densa que as outras seguintes, sendo determinado como preliminar, estabelecer contacto com o in-

migo para então localisar os pontos fracos. As ondas seguintes passavam pelas primeiras e pelos pequenos grupos de ingleses — denominados ilhas de resistencia — que ainda combatiam contra a tremenda superioridade e iam para deante. Tirando partido do caos, da confusão geral produzida pelo bombardeio, as ondas allemandes continuavam a avançar quanto possível, pelas florestas, triges, etc. por onde podiam, enfim, realizando a parte do programma cha-nado infiltração.

Deste modo tropas allemandes mettiam-se por detrás das inglesas em retirada aumentando a confusão dos defensores e seriamente atrapalhando a sua defesa.

Em seguida ás ondas de infantaria, vinham as unidades de reforço em formação de colunas com especial artilharia *move!*, particularmente lança-minas ou obuzes de trincheira.

No ataque de Riga, é sabido que os allemandes faziam uso de mais de 570, leves, medios e pesados obuseiros, em uma frente de apenas tres milhas, e tão bem sucedida foi esta prova de tal pratica que os allemandes a adoptaram em maior escala na offensiva do Somme. A artilharia de reforço servia para destruir toda a defesa inglesa que ainda subsistisse contra a infantaria allemande; e tambem para desacorçoar qualquer tentativa de contra-ataque. Por ultimo, vinham as reservas divisionarias.

Os gizes eram profusamente empregados para desmoralizar o inimigo no ataque de von Hutier.

Em muitas ocasiões os allemandes empregaram, na offensiva de março, gizes ephemeros, de duração calculada para estarem completamente dissipados quando as tropas allemandes chegassem ao lugar. Porém, o mais importante de tudo é, realmente, o modo pelo qual os allemandes exploravam a *ruptura*, pois ahí assenta o valor pratico do grande choque, que tanto custava ao seu inimigo.

Quando os allemandes avançavam além do alcance da sua artilharia, faziam o emprego de metralhadoras leves e pesadas, para apoiar a infantaria. Os atiradores das metralhadoras faziam uma cortina de barragem, atraç da qual avançava a infantaria para as novas posições.

A parte principal da cortina de barragem era geralmente formada por metralhadoras leves e fuzis, enquanto que os flancos eram sustentados pelas metralhadoras pesadas, que tambem defendiam dos contra-ataques. Assim, pela combinação do fogo de metralhadoras e bruscos ataques de infantaria, os allemandes continuavam a avançar, aproveitando-se de todos os accidentes do terreno; enquanto que seguiam por detrás delles as unidades que deviam organizar e manter o domínio do terreno ganho, levando para lá a pesada artilharia e estabelecendo as ligações com a retaguarda pelo modo convencionado.

Tal é, pois, o methodo de ataque de von Hutier, o qual deu aos allemandes um notável grão de sucesso no Somme contra os ingleses, em Flandres, contra estes e os franceses que sustentavam o *Chemin des Dames*; contra os franceses e americanos entre Montdidier e Noyon e, por ultimo, na offensiva entre Chateau-Thierry e as collinas do Argonne, contra americanos, italianos e franceses.

(Continua)

Tte. Cel. J. J. C. Curado.

O oficial de subsistencias (*)

Seu serviço em campanha e sua preparação na paz
(TRADUÇÃO)

De um livro de von François
INTRODUÇÃO

A nomeação de officiaes de subsistencias é uma medida muito importante de mobilização e solução feliz para um sério problema. Antigamente os cuidados pelas subsistencias pesavam principalmente sobre os intendentes da tropa; pelo menos se esperava d'elles, *estava visto*, que se mostrassem tão peritos em matéria de subsistência em campanha como no quartel nas questões de administração na paz.

Quanto commandante de batalhão, sem uma ideia exacta de serviço de subsistência em campanha, terá exclamado na guerra, ao chegarem suas tropas no bivaque depois de longa marcha, com o estomago vazio: «Onde está o intendente?» Este, em geral, estava longe da tropa, embarcado em terra estranha, talvez encalhado em mau caminho, sem saber do batalhão, talvez sem uma carta, na melhor das hypotheses trazendo completa a bagagem (**) do batalhão.

E quantas vezes acontecia ficar a tropa sem a sua bagagem, e então o commandante do batalhão e os das companhias tinham que agir de modo a conseguir as subsistencias por meios e modos que não diziam com o interesse geral e o da tropa.

Os commandantes de tropa que têm experiência de campanha sabem que os intendentes não podem sós manejar o serviço de subsistencias na guerra; elles são muito absorvidos pelas questões de fundos e de administração. É imprescindível a designação de uma pessoa que deva pensar e agir exclusivamente para a subsistência da tropa.

As qualidades necessárias a um oficial de subsistência são em primeira linha

(*) N. do T. — Tem-se lido e ouvido que o nosso corpo de intendentes precisa ser aumentado, porque é numericamente insuficiente. É preciso porém reconhecer: 1º que esse aumento deve ser feito nos tenentes; 2º que não se pode pretender a existência permanente de um corpo de intendentes assaz numeroso para as necessidades do exercito em campanha. Este segundo ponto é esclarecido pelo livrinho de von François, cuja tradução também, por isso, me pareceu útil.

KLINGER.

(**) trem regimental.

energia, pendor para esse serviço, capacidade de trabalho e gosto para trabalhar. Elle não deve ser destituído de conhecimentos táticos, deve possuir facilidade para se orientar no terreno, saber ler cartas topographicas e ser seguro a cavallo.

A escolha dos officiaes de subsistencias é feita pelos cdtes. de corpos entre os officiaes de que dispõem na mobilização, e demanda muita cautela, pois que nem todo official tem aptidão e interesse por tal serviço. Não se empregarão de bom grado officiaes da activa, pois na mobilização elles se tornam relativamente raros. Por isso parece-me conveniente escolher os d'entre os officiaes da reserva ou reformados. Entre elles sempre se encontram elementos que em sua profissão civil tiveram prática de semelhante serviço.

Mesmo a estes é preciso examinalos nesse sentido por occasião de incorporações para períodos de instrução; na infantaria é preciso não esquecer de levar em conta se tales officiaes sabem montar a cavallo.

É muito acertado que não se atribúa este serviço de subsistência a funcionários civis, mas a officiaes, pois a sua autoridade hierárquica em relação ao pessoal do trem e mesmo da tropa tem uma significação que não é para desprezar.

Não se confunda o official de subsistencias com o «cdte. do trem regimental», cuja criação também deve ser considerada inovação muito útil.

Dotação de officiaes de subsistência e cdtes. de trem regimental

Lugares	Official de subsistencias		Commando do trem regimental		Observações
	Tte.	Cap.	Tte.	Sto.	
Cdo. de Exercito.....	1	—	—	—	Os batalhões de reserva de 1 ^a e de 2 ^a linha são dotados como os da activa
» de Corpo de Ex.	1	—	1	—	
» de D. I.	—	1*	—	1	
» de D. C.	—	1*	—	1	
» de R. I.	1	—	1	—	* Comandante da bagagem da Divisão.
» de B. Caçadores	1	—	—	—	
» de R. C.	1	—	1	—	
» de Grupo Art...	1	—	—	—	
» de G. ou de C. M.	1	—	—	—	
» de B. E. não fractionado.....	1	—	—	—	

Subordinação e subordinados do official de subsistencia

O official de subsistencia é directamente subordinado ao seu commandante. Elle lhe propõe como deva ser regulada a subsistencia e em nome delle determina a execução e a fiscalisação. Suas propostas devem ser bem meditadas e atinadas; elle deve ter a preocupação constante de alliviar nesse ramo a tarefa cheia de responsabilidade de seu cdt.

Elle escriptura um diario sobre os serviços feitos, a receita e a despesa em dinheiro e em generos, segundo o modelo das «tabellas de subsistencia em campanha». Mensalmente elle encerra o diario com a sua assignatura e o apresenta ao corpo ou commando para prestação de contas.

Da caixa da tropa elle recebe um adiantamento para as compras, o qual é renovado quando necessário mediante troca das contas por dinheiro, na mesma caixa.

Em circunstancias difficeis o cdt. pôde designar officiaes ou sargentos apropriados ou o intendente para auxiliar o official de subsistencias. Aliás o intendente tem a obrigaçao permanente de secundar o official de subsistencia, e na ausencia deste cumpre-lhe substituir-o em todos os serviços respectivos.

Como subordinados permanentes o official de subsistencia tem os sargentos-intendentes das companhias, etc., e mais pessoal de intendencia que o cdt. deve atribuir-lhe. Estes devem estar sempre ao par do estado da subsistencia em suas companhias, etc., e informar esse official. Caso elles recebam delle missões independentes cumpre-lhes dar-lhe parte sobre o modo de execução e tempo gasto.

Nas formações não dotadas de official de subsistencia os respectivos serviços são desempenhados pelo intendente, sargento-intendente ou outro sargento apropriado.

Os intendentes não tem acção de comando sobre a tropa; entretanto podem transmittir directamente aos officiaes de subsistencia indicações relativas ao serviço de recebimento de subsistencias.

Os officiaes de subsistencia devem esforçar-se por manter pela sua correção e tino um perfeito entendimento com os órgãos da administração. A bôa harmonia é a melhor garantia de vencer as dificuldades que a guerra traz no serviço de subsistencia.

E' o official de subsistencia quem faz todas as participações e propostas relativas ao seu serviço. Cumpre-lhe estar a cada momento exactamente informado sobre o estado da subsistencia e ter em dia respectivo mappa. E' da sua alçada prever em todas as situações as necessidades do seu serviço, e mesmo em circunstancias difficeis achar meios e modos de assegurar a alimentação diaria da tropa. *Toda a responsabilidade é d'elle se falhar a alimentação da tropa.*

(Continua)

REGIMEN DAS MASSAS

O illustre deputado pelo Rio Grande do Sul, sr. Octavio Rocha, em substancial e sentencioso discurso proferido na Camara a 23 de Agosto proximo findo, por occasião da discussão do orçamento da guerra, declarou que desejaria que esse orçamento «fosse feito todo elle pelo regimen das massas, dando a cada corpo o seu quantitativo proprio. Seria mais racional e mais economico um exército assim administrado».

Não resta a menor duvida que, em principio, o regimen das massas para prover as necessidades das tropas parece excellente e até mesmo ideal. Basta considerar que a adopção desse regimen implicará na descentralisação dos fornecimentos, dando ainda lugar a economias.

Para que, porém, no dominio das causas reaes essas vantagens se concretizem, torna-se necessário:

- Que a massa seja fornecida a tempo e integralmente ás unidades;
- Que seja proporcional ás necessidades reaes destas;
- Que tal distribuição seja precedida de informações seguras, fornecidas pela autoridade competente, a respeito da situação do mercado local, relativamente aos artigos que as unidades tiverem de adquirir.

Na actualidade, a medida primordial, a que sobreleva em importancia as demais é justamente consignada na primeira alinea; está como se vê, na dependencia do Congresso e neste particular o illustre deputado bem poderá agir de maneira que o ministerio da guerra venha a ter com a necessaria antecedencia o quantitativo necessário á satisfação das necessidades do exercito. Se em lugar disto tiver este mi-

nisterio de aguardar pacientemente que o respectivo orçamento annuo receba todos os sacramentos formalisticos, só em março, abril ou maio (*) ou mesmo junho poderá ser effectuada a indispensavel distribuição dos dinheiros, quando justamente já deveria a parte interessada estar no gozo das vantagens attribuidas ao regimen preconizado.

Quanto á segunda alinea, embora á primeira vista pareça superflua, é forçoso que se a enuncie para banir por completo a idéa de uma *fixação arbitaria*, presidida talvez por uma mal entendida economia, que não poderá deixar de ser prejudicial á nação.

A terceira alinea é, segundo nos parece, de todo o ponto justa. (**)

Para que distribuir, com effeito, massas destinadas á aquisição de calçado, roupas e uniformes a unidades estacionadas em Estados desprovidos de elementos indispensaveis a elles?

Em que adiantará a distribuição de massas a corpos aquartelados em pontos onde se não encontrará com certeza o brim kaki, perneiras, etc., ou ainda, onde esses artigos sejam encontrados por preços reconhecidamente desvantajosos?

A distribuição das massas segundo ouvimos de pessoa competente, deverá a principio ser feita parcialmente, isto é, iniciada pelas partes do fardamento que não affectam a uniformidade requerida á tropa e cuja aquisição e confecção sejam de natureza tal que não quebrem a referida uniformidade. Neste caso estão a roupa (branca e de cama) e o calçado, excluidas em muitos logares as perneiras.

Com estes ensaios a melhor norma a seguir se accentuará e então poderá o regimen tornar-se extensivo ás demais partes do fardamento, ficando a sua pratica radicada entre nós.

Tentar, porém, a sua execução em bloco, levados unicamente pela miragem deslumbrante da descentralização dos serviços e de economia, pensam os que se preocupam acuradamente com o assunto ser arriscado e talvez sirva unicamente para constatar a fallencia de sua implantação e execução entre nós.

Capitão Paulo Bastos

NOTAS DA REDAÇÃO

(*) Sabemos que a solução para o caso já foi pedida pelo Sr. General Bento Ribeiro, em relatorio sobre a sua viagem ao Sul. E' preciso que o mais tardar em Setembro de um anno sejam recebidas as massas para fardamento, arreia-

mento e equipamento necessarias ao anno seguinte. Para que isso se dê sempre, com a nossa organisação financeira, basta que uma unica vez o orçamento de um anno consigne os quantitativos necessarios a dois exercícios ou que autorize ao Ministerio da Guerra fazer contratos com antecipação de verba.

O sistema actual é descabido, ridiculo e deprimente para o nosso senso, pois importa em obter em setembro o que se precisou em março — fornecer no verão as necessidades do inverno — e reciprocamente, dar em março (na melhor hypothese) um uniforme de brim para que o soldado passe o inverno. Não se deixe atrasar o Exercito em medidas a respeito das quaes elle deveria dar lições e não receber...

(**) Naturalmente o regimen das massas não poderá dar resultados surprehendentes no 1.º anno de sua execução; seria anomalo que tal se desse. Onde não ha procura ou necessidade de uns tantos artigos, não se pôde esperar que elles existam.

O proprio regimen das massas será o excitante para desenvolver a concurrence no commercio de certos artigos que irão procurar quem os compre, assim como estimulará a formação dos operarios proprios ás respectivas confecções.

Assim como se conclue para a remonta que os criadores não se preocuparão com o aperfeiçoamento da criação do cavallo em qualidade e quantidade sufficientes, senão quando tiverem um mercado certo, tambem não se pode pretender que o commercio de certas localidades mantenha stock de artigos que não espera vender.

O regimen das massas divide a iniciativa para aquisição daquillo que as massas determinam e anima o esforço para obter melhor, em condições mais favoraveis e com oportunidade.

Quanto a preços, a fiscalisação se fará pela propria massa, porque ella terá de ser fixada por unidade e naturalmente essa fixação terá como base o preço do mercado onde existe o que se pretende adquirir.

Depois, o regimen das massas não limita o local onde se fará a aquisição: esse será determinado pela idéa de economia e enquanto não puder ser a propria séde do corpo, será o centro mais proximo capaz de produzir.

Com esse regimen, a 7.ª Região, não precisará calçado das fabricas do Rio, nem o Rio fornecerá talhas de barro para a Bahia ou mezas de pinho para o registro militar do Ceará, como é sabido que já se deu em outros tempos...

Instrucção prática da companhia de infantaria nos trabalhos de sapa

Pelo Coronel Francisco Emilio Júlio

(Continuação)

Para aplicar em escala maior o que foi apreendido na esquadra, vejamos primeiramente como se poderá proceder nos exercícios do «pelo.ão», sendo elles ainda de natureza exclusivamente technica.

O director desses exercícios é o commandante do pelotão que, como tal, deve conhecer perfeitamente a parte technica dos trabalhos que elles abrangem e tambem saber executal-os, tão bem

quanto os commandantes das suas esquadras. A sua actividade principal consiste então na distribuição dos homens individualmente ou por esquadras, designando-lhes os trabalhos de cuja execução estiver incumbido; para isso terá o cuidado de aproveitar convenientemente os homens que tiverem uma instrução especial, tales como aquelles que fazem parte da secção de sapadores. Cabe-lhe alem disso distribuir a grande ferramenta de sapa e escolher os homens que têm de procurar o material improvisado de que se necessitar. No exercicio de sua actividade é de grande importância a adaptação das obras de fortificação á natureza do terreno e que os trabalhos que elles requerem sejam executados no lugar e no tempo precisos.

Attendendo a essas considerações, citaremos, entre outros os exercícios seguintes:

1. — «Melhoramento do campo de tiro» na frente de uma trincheira para atiradores supposta ou a ser construída realmente. No primeiro caso serão empregados nesse trabalho todos os homens do pelotão ao passo que no segundo, naturalmente, apenas parte delles enquanto os outros estiverem empregados na construcção da trincheira. Nesses trabalhos deve ser observado tudo quanto constar dos art. 276 a 280 do R. S. S., executando os homens na frente da trincheira tudo quanto fôr possível, devendo ser discutida detalhadamente a execução dos trabalhos que seriam exigidos na guerra, com todos os homens que os teriam de executar, explicando-se-lhes onde se encontraria a necessaria ferramenta e o necessário material, bem como onde poderiam encontrar e adquirir o material improvisado.

2. — «Medição e avaliação de distâncias». Emprego dos telemetros e, conforme as circunstâncias, do telemetrographo e sitometro. Fazer seguir homens para pontos importantes do terreno cuja distancia se não possa medir sem auxilio de um ponto de referencia (fuzil ou lança levantados). Avaliação da distancia a lugares do terreno na frente da trincheira onde não existirem linhas ou pontos bastante salientes, fixando ahi extensões que sejam multiplos de 100 para assignar as divisões centesimais por meio de galhos, monte de pedras, etc., que as tornem visíveis. Fazer desenhar esboços da frente que representem com precisão certas extensões, os quaes têm de ser distribuídos na trincheira aos commandantes de esquadra.

3. — «Construcção de abrigos» (posições para atiradores), em terreno o mais variado e em lugares junto á propria trincheira, mas, com frente e direcção de tiro diferentes. Todas as vezes que fôr construído um abrigo, será necessário limitar o tempo dentro do qual deve estar concluido. Deve-se, portanto, escolher o perfil a ser adoptado, si para atiradores de pé ou de joelho, alem disso calcular a que altura deve achar-se a crista e até que profundidade se pretende cavar ahi no solo. Ao passo que na construcção de trincheiras communs, formando um sistema, se trata, na direcção dos trabalhos, de certo modo apenas do dispositivo de diversas esquadras, já bem instruidas, collocando-as convenientemente umas ao lado das outras, exige o traçado das obras do tipo da fig. 168 do R. S. S., a formação gradual do parapeito e o trabalho complementar dos travezes da fig. 109 do R. S. S. ainda meditação especial por parte da direcção

e exercícios complementares por parte das esquadras, tales como:

Calculo do tempo necessário para esses trabalhos, segundo os dados do perfil (frequentemente variável e irregular) e do comprimento da trincheira, donde resultam certas quantidades expressas em metros cubicos.

A natureza do solo e o seu estado, a especie de ferramenta e o estado de vigor dos homens permitem calcular, com o auxilio dos dados fornecidos no art. 378 do R. S. S., o tempo do trabalho total. Para as obras de tipo regular (abrigos para infantaria) bastam os dados que se encontram no art. 378 do R. S. S.

No construcção de trincheiras abrigo e de comunicação ha também a attender a uma cuidadosa adaptação dessas obras ao terreno. Assim, p. ex., pôde-se aproveitar os caminhos barrancos estreitos, deitando-se sobre as bordas dos barrancos os mourões e varas de 10 a 12 cm de espessura, depois de previamente preparadas para isso, praticando nellas um corte longitudinal que garanta a estabilidade desse madeiramento sobre o qual se depositará a terra retirada das bordas para servir de massa cobridora.

Por occasião da instrucção da esquadra ainda não tinha sido opportuno o exercicio nos trabalhos da construcção de degraus nos taludes do fosso (degraus de sortidas) e de rampas nas extremidades das trincheiras que lhes dão acesso e saída; esses trabalhos vão ser exercitados agora no pelotão. Serão também objecto da instrucção do pelotão a locação exacta das trincheiras abrigo em relação á situação das trincheiras para atiradores e o traçado exacto da direcção das trincheiras de comunicação. Nesses exercícios deve-se mostrar quaes os lugares em que possa haver necessidade de cobrir as trincheiras de comunicação e como se deve proceder para o caso da fig. 114 do R. S. S. Será também conveniente mostrar como se procederia, de acordo com o espirito do art. 295 do R. S. S., na falta de trincheiras de comunicação para o seu suprimento. Offerece-se agora também oportunidade para os exercícios nos trabalhos da construcção de latrinas, postos de socorro e de telephonia que têm de ser estabelecidos nas trincheiras de comunicação, tal como mostra a fig. 115 do R. S. S.

4. — «Marcha a seguir nos trabalhos»; ella merece especial cuidado. Os exercícios que elles exigem, podiam, em parte já serem feitos tambem pela companhia. Entre esses citaremos a maneira de «traçar no terreno» os trabalhos a executar (por meio de monticulos de terra, pedras, ramos, varinhas envoltas em tiras de papel, balisas, etc.). «No traçado dos trabalhos de obras de fortificação que presumivelmente deverão ser executados durante a noite, neblina reinante, é necessário que se possa reconhecer perfeitamente aqueles signaes afim de evitar confusões (bandeirões de papel bem claro, cardaço branco, balisas).

Além disso ainda deve ser exercitada a collocação das armas e peças de equipamento no solo, porque, ahi já ha a considerar-se uma situação tactica. Em todos esses trabalhos já deve manifestar-se vigorosamente a acção do seu commandante. «Elle terá de providenciar para que elles progridam com regularidade, reforçando ou substituindo as esquadras que tiverem encontrado e trabalhado em terreno cujo solo fôr de natureza a difficultar muito o trabalho. Os homens

que tiverem concluido a sua tarefa, elle fará apresentar ao commandante da companhia.

5. — «Exercicio do pelotão em conjunto», segundo os art. 309 e 310 do R. S. S.

6. — «Formação do pelotão para a sua apresentação», segundo o art. 312 do R. S. S.

7. — «Todos os exercícios de saccos de terra pelo pelotão em conjunto.

8. — «Aperfeiçoamento da posição fortificada»: abrigos de toda especie, adoptando aquelles que requerer a natureza do terreno que, por sua vez, deve ser o mais variado possivel para maior utilidade do exercicio. Construcção de postos de observação e setteiras.

9. — «Aproveitamento de abrigos naturaes existentes», segundo os art. 338, 342 e 346 do R. S. S. Aqui já se deve fazer applicação «d'aquellas» medidas que, nas organisações em edificios, são apenas de utilidade mediata para a defesa, p. ex., remoção de objectos que pegam fogo facilmente, collocação previa de vasos com agua, estabelecimento de correntes de ar contra gazes de polvora nocivos.

10. — «Estabelecimento de obstaculos», não sómente quanto á execução technica como tambem á sua collocação em lugar conveniente.

11. — Exercícios de remoção e transposição de obstaculos.

12. — «Mascaramento e construcção de posições simuladas», para illudir o adversario, bem como emprego de outros meios que não lhe permittam descobrir as posições reaes; tudo isso de acordo com os art. 282 a 286 do R. S. S.

13. — «Maneira de assignalar o traçado dos caminhos de colunna e a sua construcção».

14. — «Passagem de terreno alagadiço, de banhado», empregando material de occasião.

15. — «Reparação ou melhoramento de caminhos já existentes».

16. — «Construcção de pinguelas e pontes».

17. — «Passagem de cursos d'agua», empregando material de occasião.

* * *

Pensando nada mais haver a encontrar no R. S. S. que deva ser exercitado pelo pelotão, passemos a tratar do que ahi diz respeito aos exercícios que tenham de ser realizados pela companhia e que são os mais interessantes. Os mais interessantes, repito, porque o commandante da companhia vae agora coroar e premiar com a sua competencia e autoridade os esforços dos seus cabos, sargentos e subalternos empregados na instrucção dos soldados no serviço de sapa, no manejo da ferramenta de sapa.

Quanto á technica propriamente dita de novo nada mais ha que ensinar aos homens e tambem não se trata aqui agora de simples agrupamento e combinação dos seus pelotões; muito ao contrario, a companhia já vae agir como unidade constituída independente, sendo collocada deante de themes inteiramente novos, para cuja resolução ella tem de «aplicar o serviço de sapa em campanha quando se achar em uma determinada situação tactica».

(Continua)

NOTA Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.

Regua de Calculo "Telefunken"

Instruções para seu uso

Pelo uso da regua de calculo *Telefunken* simplificam-se os cálculos necessarios á telegraphia sem fio. Para esse fim foi construida uma regua de calculo contendo nove escalas, por meio da qual se resolvem os seguintes problemas:

1.º — Determinação da extensão da onda, pela auto-indução e pela capacidade;

2.º — Determinação da capacidade pela extensão da onda e pela auto-indução;

3.º — Determinação da auto-indução pela extensão da onda e pela capacidade;

4.º — Determinação do amortecimento;

5.º — Determinação da resistencia pelo amortecimento;

6.º — Determinação do amortecimento pela resistencia;

7.º — Determinação directa da resistencia.

* * *

Alguns exemplos servirão para demonstrar as vantagens do uso desta regua de calculo.

a) Determinação da extensão da onda.

O calculo que mais comumente se apresenta é o da determinação da extensão da onda pela auto-indução e pela capacidade, segundo a formula de Thompson.

$$\lambda = 2 \bar{n} \sqrt{C \times L} \quad (1)$$

Nessa formula λ representa a extensão da onda em centimetros, C a capacidade em centimetros, e L a auto-indução. Utilisam-se as escalas II, III e IV.

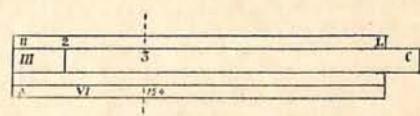
Nas escalas II e III obtém-se o producto $C \times L$, e por meio do cursor lê-se na escala VI a extensão da onda.

Exemplo

$$L = 2 \text{ cm.}; C = 3 \text{ cm.}; \lambda = 15,4 \text{ cm.} \quad (\text{Fig. 1})$$

Tratando-se de numeros grandes utilisa-se indicações $\times 100$ e $\times 10$.

O producto de $L \times C$, é, como no exemplo precedente, obtido por meio das escalas II e III e a solução pela escala VI.



b) Determinação do amortecimento.

Para este cálculo utiliza-se da fórmula de Bjerknoss:

$$\hat{d} = \frac{\hat{n}}{2} \cdot \frac{C_1 - C_2}{C_r} \quad (2)$$

na qual \hat{d} representa o decrescimento logarithmico do amortecimento, C_r representa a capacidade do

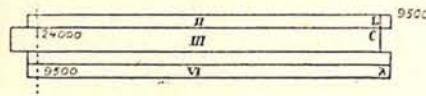


Fig. 2 — Determinação da extensão da onda tratando-se de fortes números

medidor de onda pela resonância, C_1 e C_2 a capacidade dos medidores de onda, dada pela metade no indicador. Utiliza-se das escalas IV e V. Acha-se o quociente $C_1 - C_2$ por C_r , collocando-se o cursor sobre a escala VI e lendo-se em baixo, na escala V, o amortecimento. Geralmente em vez da capacidade são usados directamente os grãos do medidor de ondas, tomando-se em conta a capacidade inicial de 4°.

Exemplo (Fig. 5).

$$C_1 = 48,5^\circ; C_1 - C_2 = 5^\circ; C_2 = 43,5^\circ; C_r = 46,0^\circ \\ \text{onde } \hat{d} = 0,1708.$$

c) Determinação da resistência pelo amortecimento.

A resistência do ciclo ondulatório é calculada pelo amortecimento com o auxílio da fórmula seguinte

$$R = 150 \left(\frac{\hat{d} \cdot \alpha_m}{C} \right) \quad (3)$$

Em que R é a resistência, \hat{d} o decrescimento logarithmico do amortecimento, α_m a extensão de onda, C a capacidade.

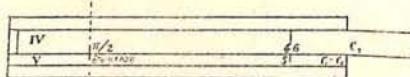


Fig. 3 — Determinação do amortecimento

Primeiro acha-se o produto de \hat{d} por α_m . Leva-se então este resultado à correção com o valor de C e lê-se em baixo do traço 1,5 da escala IV, o resultado na escala V.

Exemplo: (fig. 4).

$$\hat{d} = 0,1708; \alpha_m = 1200,0 \text{ m.}; C = 2000,0 \text{ m.}; \\ \text{tem-se } R = 15,38 \text{ Ohm.}$$

d) Determinação directa da resistência.

Pode-se também calcular a resistência do ciclo de ondulação (ciclo ondulatório) por um outro método, collocando-se n'elle uma resistência isenta da menor indução e de tamanho tal que a força da corrente seja reduzida até um certo ponto. São para esse fim fabricadas pela sociedade *Telefunken*, resistências especiais as quais por uma comutação fácil, dão dois va-

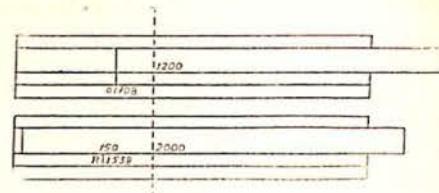


Fig. 4 — Determinação da resistência pelo amortecimento

lores diferentes. A resistência é então calculada por meio da seguinte fórmula:

$$R_o = \frac{J_m^2}{J_0^2 - J_m^2} \times R_m \quad (4)$$

em que R_o é a resistência procurada, R_m a resistência de medição, J_0 a potência original da corrente, e J_m a potência por medição da corrente. O cálculo é feito obtendo-se o quociente de J_0 e J_m (escalas IV e V) e lendo-se o resultado directamente na escala interna em relação à escala certa de resistência.

Exemplo: (fig. 5).

$$J_0 = 8 \text{ amp.}; J_m = 5 \text{ amp.}; R_m = 4 \text{ ohm.}; \\ \text{onde } R_o = 2,56 \text{ ohm.}$$

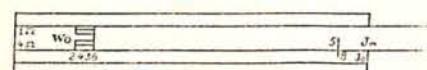


Fig. 5 — Determinação directa da resistência

No verso da regra acham-se algumas fórmulas escolhidas e das mais comumente aplicadas na electro técnica. Na tabella das unidades de medidas eléctricas são indicadas as maiores do sistema C. G. S.

As relações entre as unidades eléctricas, mecânicas, atmosféricas e caloríficas são descritas de forma facilmente comprehensível.

As duas tabellas sobre metais e isoladores contêm os pesos específicos, as resistências específicas, as constantes di-elettricas e as resistências da irrupção da faísca. Na tabella relativa à distância explosiva das faíscas são dados os valores para a irrupção no ar atmosférico, entre duas esferas de raio de um centímetro.

Tte. Cel. Rego Monteiro.

A Guarda Nacional

Em 1915 publicou esta revista (*) uma estatística dos corpos da Guarda Nacional criados *no papel* até novembro de 1914; como elles continuassem a ser criados, prosegui no meu trabalho estatístico, até dezembro de 1916 quando foram *criadas* as ultimas Brigadas.

Com o grande impulso dado ás nossas causas militares pelo Exm.^o Sr. Dr. Wenceslão Braz e o Exm.^o Sr. Marechal Faria,

(*) N. 17, pag. 148.

Continúa na pagina n. 109.

Exames theoricos de Recrutas

Como se tem até agora observado que os exames theoricos em geral se desviam muito do que realmente devem ser, ás vezes pelo facto dos instructores preferirem explorar superfluidades em logar de indagarem o que é realmente util, outras vezes por quererem obter dos homens conhecimentos de certa importancia que elles não necessitam; como se tem igualmente

verificado que muitas partes praticas da instrucção só podem ser examinadas com caracter theorico, dada a impossibilidade ram a menor novidade. Apenas indico em resumo, além do que estabelece o nosso R. S. C. 1918, os principaes preceitos recomendados em todos os exercitos e que interessam propriamente á instrucção individual do soldado.

Os quadros de hoje são relativos ás marchas e ao estacionamento, tendo co-

I

Idéa geral sobre as marchas.

MARCHAS

Disciplina individual

Antes da marcha	<p>Não aumentar sua carga inutilmente.</p> <p>Fazer o asseio do corpo e preparar os uniformes.</p> <p>Alimentar-se e <i>encher o cantil dagua misturada com café.</i></p> <p><i>Apagar os fogos e destruir papeis e inscripções</i> que sirvam de indicio ao inimigo.</p> <p>Evitar o ruido do equipamento, principalmente se a marcha fôr á noite.</p> <p>Não se privar do somno nem antecipar, com prejuizo do somno, os preparativos da partida.</p> <p>Ao repousar ter completa e em ordem a sua carga.</p> <p>Deitar-se cedo e não perturbar o repouso dos companheiros.</p>
Durante a marcha	<p>Não concorrer para o alongamento da columna nem atraso da marcha.</p> <p>Não aumentar exageradamente a velocidade.</p> <p>Evitar o cansaço por constantes variações de cadencia.</p> <p><i>Marchar em seu logar e não sahir sem permissão.</i></p> <p><i>Deixar o fuzil com o companheiro</i> caso tenha permissão para deixar momentaneamente seu logar, apresentando-se, depois, o mais cedo possivel.</p> <p>E' permitido fumar, mas evitar assobios e conversas em altas vozes.</p> <p>Só cantar com permissão; ser cortez para com os companheiros e estranhos.</p> <p>Manter-se com correção á passagem pelos povoados.</p> <p>Conservar os viveres que conduz.</p> <p>Tomar parte da carga do companheiro que dá mostras de fadiga.</p> <p>A' noite marchar com <i>ordem, silencio</i>, não fumar nem riscar phosphoros.</p> <p>Não beber aguas duvidosas nem fazer abuso de fructos.</p> <p>Preferir a condução de café, leite, chá em vez de bebidas alcoolicas.</p> <p>Não beber agua exageradamente.</p> <p>Preferir as bebidas quentes com o frio.</p> <p><i>Resguardar a nuca</i>, refrescar a cabeça e <i>desapertar a golla e o collarinho, com o calor.</i></p>
Nos altos	<p><i>Cerrar sobre a testa.</i></p> <p><i>Não deixar seu logar, conservando-se junto do sarilho e do mesmo lado.</i></p> <p>Se possivel, <i>substituir a agua do cantil.</i></p> <p>Não passar de um para outro lado da estrada sem permissão.</p> <p>Endireitar o equipamento e concertar as peças de seu uniforme, etc.</p> <p>Verificar se a carga está completa, especialmente viveres e munições.</p> <p>Não entrar nas casas, nas propriedades nem damnificá-las.</p> <p>Reunir-se á sua unidade caso haja ficado á retaguarda.</p> <p><i>Attender promptamente ás ordens e aos signaes.</i></p> <p>Repuçar apenas o suficiente para não ficar indolente.</p> <p>Não se sentar nem deitar em logares humidos.</p> <p>Cuidar dos pés especialmente e não se deitar com o ventre para o solo.</p> <p>Não abusar dos fructos e aguas duvidosas.</p>

tem elle nestes exames o direito de ignorar.

Os quadros que aqui offereço e que se referem ao serviço em campanha não encerram a menor novidade. Apenas indico em resumo, além do que estabelece o nosso R. S. C. 1918, os principaes preceitos recomendados em todos os exercitos e que interessam propriamente á instrucção individual do soldado.

Os quadros de hoje são relativos ás marchas e ao estacionamento, tendo como parte principal o que constitue propriamente a disciplina.

Nas inspecções, durante os exercicios, os chefes podem, e devem mesmo, procurar vêr se as prescripções destes quadros são praticamente observadas; esta providencia já lhes permitte avaliar com relativa segurança o grão de instrucção dos recrutas nos exames desta parte.

II

Idéa geral sobre os estacionamentos.

ESTACIONAMENTOS

Disciplina individual

A' chegada	Preparar sua barraca com presteza logo que receba ordem para isto.
	Installar-se conforme as ordens de seu cabo e preparar-se quanto antes para partir.
	Limpar o fuzil e preparar o equipamento, collocando-os nos devidos logares.
	Asseiar-se; seccar os uniformes e reparal-os (concertos, etc.).
	Não se afastar do estacionamento sem permissão do commandante do corpo e em caso algum antes de terminados os trabalhos de instalação.
	Quando gozar dessa permissão, só sahir uniformizado.
	Não se afastar sem saber a praça de reunião de sua unidade.
	Não estacionar nas vendas e casas suspeitas; evitar agrupamentos da mesma ordem.
	Mostrar-se digno dos habitantes por sua conducta.
	Evitar attrictos com os habitantes, os cantos e as expressões inconvenientes.
	Ser circumspecto e desconfiar das pessoas estranhas.
	Não responder a perguntas feitas por pessoas estranhas ao Exercito.
	Denunciar aquelles que se mostrarem interessados em conhecer as operaçōes.
	Informar, quando reconheça, a existencia de pombos-correios.
	Communicar quando tenha conhecimento os casos de molestia contagiosa, os crimes e delictos.
	Transmittir á autoridade todo documento ou informação com indicações sobre o inimigo. E' proibido tocar nos viveres de reserva sem permissão, fazer uso de aguas não designadas pelo commando e fazer necessidades fóra dos logares designados como latrinas.
	Attender promptamente ás refeições, revistas, chamados, etc.
	Por-se sem demora á disposição de seu cabo em caso de alarme.
	Observar rigorosamente todas as instruções de seus superiores.
	Não repousar sem ter tudo prompto para partir a qualquer hora da noite.
	Deitar-se cedo e respeitar o socego dos companheiros.
Antes de partir . . .	Inutilizar cartas, escriptos, etc., que possam servir de indícios.
	Apagar os fogos.
	Preparar cuidadosamente o equipamento, verificando se nada falta para a marcha.
Preceitos hygienicos para a barraca durante a permanencia	Evitar o repouso directo sobre o solo.
	Evitar a permanencia demorada dentro da barraca.
	Forrar o solo com palha, esteiras, etc.
	Garantir o interior da barraca contra as aguas.
	Ventilar a barraca e abril-a ao sol.
	Evitar urinas e depositos em suas proximidades.

A GUARDA NACIONAL

(Continuação da pag. 106)

chegamos ao memorável decreto que dissolveu a Guarda Nacional e mandou organizar o Exército de 2.ª linha.

Como curiosidade; pelo menos, vale a pena sabermos a que *formidaveis effectivos* chegou a Guarda Nacional.

Pelo quadro ao lado verifica-se quantas Brigadas foram *creadas*, de acordo com a sua distribuição pelos Estados, chegando-se a um total de 1952 brigadas de infantaria, a 3 batalhões de activa e 1 da reserva, ou 7.808 batalhões; 795 brigadas de cavalaria a 2 regimentos, ou 1518 regimentos; 229 brigadas de artilharia a 1 regimento montado e 1 batalhão de posição, ou 229 regimentos de artilharia e 229 batalhões de artilharia de posição, ou um phantastico total de 2976 brigadas com 9.784 corpos!

Dando-se a estes corpos os effectivos normaes de paz, teremos:

E. M. das Brigadas.....	17.856 homens
Inf. 7808 Batalhões.....	3.513.600 >
Cav. 1518 Regimentos.....	871.770 >
Art. M. 229 Regimentos.....	116.103 >
Art. P. 229 Batalhões.....	82.211 >

Total..... 4.511.540 homens

Os seus effectivos de guerra correspondem a:

E. M. das Brigadas.....	17.856 homens
Inf. 7808 Batalhões.....	8.549.760 >
Cav. 1518 Regimentos.....	1.322.178 >
Art. M. 229 Regimentos.....	133.965 >
Art. P. 229 Batalhões.....	96.638 >

Total..... 10.120.397 homens

Nos totaes acima estão incluidos os oficiaes, que especificamente são em numero de:

E. M. das Brigadas.....	17.856 homens
Inf.	171.776 >
Cav.	39.468 >
Art. M.	5.038 >
Art. P.	5.038 >

Total..... 239.176 homens

Admittindo que sejamos 30.000.000, tomando 12 % maximo que se tem conseguido pôr em armas nos exercitos europeus, teremos mobilisaveis 3.600.000 homens, numero insufficiente para organizar com effectivos de paz, as unidades da Guarda Nacional; por ahi se verifica que a Guarda Nacional só poderia subsistir com fins politicos e nunca militares.

Guarda Nacional 1918

ESTADOS	BRIGADAS			
	Infant. ^a	Cavall. ^a	Artilh. ^a	Total
Territorio do Acre.....	18	5	6	29
Amazonas	53	5	10	68
Pará.....	137	12	6	155
Maranhão.....	115	24	6	145
Piauhy.....	62	17	3	82
Ceará.....	101	20	4	125
Rio Grande do Norte..	22	7	1	30
Parahyba	30	9	1	40
Pernambuco	175	66	10	251
Alagôas.....	32	4	5	41
Sergipe.....	24	9	—	33
Bahia.....	247	114	59	420
Espirito Santo.....	58	2	—	60
Rio de Janeiro.....	110	67	45	222
Distrito Federal.	7	2	1	10
Minas Geraes.....	330	144	44	518
São Paulo.....	193	77	5	275
Paraná	52	36	6	94
Santa Catharina.....	20	16	3	39
Rio Grande do Sul....	90	128	9	227
Matto Grosso.....	27	17	3	47
Goyaz.....	49	14	2	65
Grnde total....	1.952	795	229	2.976
	Bat.ºs	Regt.ºs	Regt.ºs e Bat.ºs	Total
Nº de corpos que as compõem	7.808	1.518	458	9.784

Capitão Castro Ayres

O regulamento de equitação

ERROS DE TECHNICA

(Continuação)

Mostrados os erros de methodo do R. Eq. provisório, pelos quaes se viu tambem como elle está em desharmonia com as outras ordenanças em vigor na cavalaria, passemos a analysar, uma a uma, as suas imperfeições que fermen mais directamente a technica da arte equestre. Vamos verificar assim que o regulamento, sem apresentar a necessaria coordenação de preceitos, indispensavel á sua applicação á tropa, encerra disposições contrarias ás regras da equitação, muitas das quaes illogicas

e por isso mesmo impraticaveis. E bastavam estes argumentos para provar como as tropas montadas ficaram mal servidas com o R. Eq. A sua terminologia *sui generis* nos levará, porém, no final do nosso estudo, a apontarmos os seus erros de technologia, nas innovações com as quaes pretendeu substituir, por designações impróprias, certas expressões já consagradas no nosso meio.

Seguiremos a propria ordem em que os assuntos são tratados pelo regulamento, adoptando as suas epigraphes.

PRELIMINARES

Conduzir e apresentar o cavallo. — No conduzir o cavallo não diz o regulamento como proceder quando elle não acompanha bem, ou se atira para a frente, e qual o recurso para evitar os coices, tão communs nos cavallos novos que não cabrestiam facilmente.

A posição de apresentar não nos parece a mais conveniente, pois o soldado não poderá corrigir a posição do cavallo quando este escape com a garupa para um dos lados, ou afaste demasiado os posteriores. Para isso é preciso collocar-se na frente do animal, voltado para elle, e segurar, com as mãos separadas, as redeas da direita e da esquerda, pernas abertas para ter maior base e mãos levantadas. Quem apresenta um animal fal-o para este ser examinado e deve por isso tomar a posição mais apropriada a evitar as reacções que provavelmente elle manifestará.

Posição em forma. — Para ficar na altura do chanfro do cavallo, segurando as redeas com a mão direita, a 0m.15 da barba, o soldado terá de recuar o ombro direito e ficará em posição contrafeita e incomoda. A verdadeira collocação do soldado, neste caso, é na altura da ganacha, de modo a ficar com a mão direita mais avançada que os hombros, os quaes guardarão o mesmo alinhamento, normal á frente.

1º PERÍODO — 1ª Secção

Montar. — Determina o regulamento que o cavalleiro volte á direita, vá collocar-se um pouco atras do estribo esquerdo e torne á frente. Ha ahi dois movimentos que se annullam. Se o cavalleiro deve ficar com a mesma frente antes de metter o pé esquerdo no estribo, para que fazel-o volver á direita, dando a frente ao cavallo? A mesma cousa poderia ser conseguida estabelecendo simplesmente que á voz «preparar para montar», o cavalleiro, abandonando as redeas, dê um passo largo á retaguarda, collocando-se um pouco atras do estribo esquerdo. Mas não sendo esta a posição mais conveniente para calçar o estribo, principalmente quando se tem a lança, o mais certo seria volver á direita, dando depois um passo lateral para esse lado. Depois de calçado o estribo, apoiando o joelho esquerdo contra a aba da sella (e não contra a borrhina, que pode dão existir, como no arreiamento regulamentar), deverá o cavalleiro obliquar á esquerda, voltando o ombro direito para o cavallo. Desta posição, e por um impulso da perna direita, ergue-se o tronco, estendendo a perna esquerda, á qual se vem unir a direita.

Não é tambem recommendavel firmar-se exclusivamente nos punhos (?), como prescreve o regulamento, pois isto poderá deslocar a sella e mesmo desequilibrar o animal. O impulso para erguer o tronco, dado pela perna direita, deve ser sufficiente para dispensar qualquer auxilio das mãos.

A recommendação de passar a perna direita dobrada por cima da garupa, sempre collada á sella, esquece o caso do cavallo equipado, que é o da guerra. O cuidado de manter o contacto da perna com a sella é preciso sómente quando se trata de um cavallo novo ou viciado, que procure partir ou saltar, antes do cavalleiro ter se aprimorado nos arreios. Certamente não é em semelhantes animaes que se aconselha dar lições de equitação.

Posição do pé no estribo. — «Os estribos ficarão convenientemente ajustados quando....., a soleira toque a raiz do peito do pé ou o calcanhar na junta do salto». Em primeiro lugar, não sabemos precisamente o que seja raiz do peito do pé. Suppomos que se trata do metatarso; mas mesmo assim assim não está claro o regulamento, porque a altura deste sistema de ossos varia com a inclinação do pé em relação á perna, a ponta podendo estar mais levantada ou mais abaixada. Seria por isso mais correcto e preciso dizer-se: — «Os lóros estão de bom comprimento quando o cavalleiro, bem assentado, joelhos descidos e pernas naturalmente caídas, calce os estribos sem ser necessário levantar ou baixar os joelhos, nem curvar ou esticar as pernas».

Manejo das redeas. — E' uma expressão infeliz dizer-se «manejo das redeas», porque se dá a idéa de movimentos e mudanças em que as redeas passam de uma posição á outra. Esta inovação, aliás, não é do R. Eq.; ella apareceu já com o R. I. S. G., na parte da instruccion equestre dos recrutas de cavallaria. Seria mais proprio usar-se a expressão — *modos de segurar as redeas*.

Depois de prescrever como segurar as redeas com a mão esquerda, diz o regulamento: «a mão *cae* naturalmente sem que se torça para dentro ou para fóra e de modo que se veja bem a unha do pollegar, conservando sempre as redeas apertadas». Certamente tra.a-se da mão esquerda, a que tem as redeas, e é claro que *cahindo naturalmente* esta mão não poderá dirigir o animal! Será talvez por adoptar esta commoda posição para a mão de redea que o R. Eq. não prescreve o ensino das mudanças de direcção nas suas 7 primeiras secções, como já assignalamos em artigo anterior? Peior erro, porém, aliás em harmonia com este, encontra-se logo adeante, na posição — *separar redeas* — em que os braços ficam *estendidos* (!). Ahi tambem não se diz como segurar a redea com a mão direita, entre que dedos. Com as mãos afastadas 0m.15 não se poderá dirigir o animal; parece que basta o afastamento de quatro dedos, 0m., 10 no maximo.

Marchar. — «A' voz de — marche — o cavalleiro *fecha* primeiramente as pernas e cede a mão». Fechar as pernas é impossivel quando se está a cavallo. Já tendo sido explicada a acção das pernas, seria facil dizer-se: — «O cavalleiro por uma pressão das pernas, impelle o cavallo para a frente e cede a mão».

Elevação das coxas. — Não se comprehende o que seja posição de *hombros recolhidos*, nem assento *debruçado*. Quanto aos hombros recolhidos, seria sufficiente dizer: — «hombros na mesma altura e um pouco para atraç».

4^a Secção

A galope. — E' impossivel que nas condições descriptas as espaduas do soldado *guardem a mesma direcção que as do cavallo*. A diferença de conformação dos dois esqueletos não permite isto, a menos que o soldado não se volte completamente para a esquerda, dando as costas ao animal, o que o impossibilita de acompanhá-lo correndo.

5^a Secção

Flexão das pernas. — «Dobrar a parte inferior das pernas etc.». Movimento de *gymnastica* que não poderá ser executado pelo mais desengonçado dos homens, simplesmente porque a parte inferior das pernas não tem articulação e não pode por isso ser dobrada.

Deslocamento na sella. — Este exercicio é contrario ao primeiro principio estabelecido na Introdução, o qual prescreve os deslocamentos na sella *em todas as circunstancias*.

Montar por salto, apear por salto. — Não prescreve qual a posição das mãos, o que é indispensavel nesta *gymnastica*, onde a uniformidade de movimentos não é sómente uma questão de esthetic. Da posição das mãos em certos exercícios de *gymnastica* depende o esforço a fazer-se para executá-los; e da uniformidade nos movimentos em conjunto resulta, para o instructor, a facilidade em perceber os erros e corrigil-os. E' portanto indispensavel que o regulamento defina sempre como devem ser feitos estes exercícios.

Advertencia. — O methodo que impõe ao instructor não ensinar aos recrutas os mecanismos das andaduras e as ajudas necessarias em cada caso, é uma das grandes originalidades do R. Eq. provisorio. No galope principalmente, onde o avanço se faz por saltos, é indispensavel que os homens se apercebam dos movimentos do animal para não contrariá-los. O proprio regulamento exigindo «apenas que cada qual fique exactamente ligado com seu cavallo, sem perder a posição», acentua claramente esta necessidade. Como conseguir que recrutas com 18 lições, apenas, propriamente de equitação conservem-se *exactamente* ligados aos cavallos em galope, quando não se lhes tem explicado os movimentos do animal e a posição correspondente a tomar na sella? Pensamos justamente ao contrario: a base de todo o ensino da equitação reside na comprehensão que terão os homens de tudo aquillo que devem executar. Recomenda-se, por isso, ministrar sempre em preleções teoricas, ás veezs fora das aulas praticas, a explicação dos exercícios mais complicados.

7^a Secção

Salto de fosse e barreira. — Diz o R. Eq.: «Cada cavalleiro, successivamente e á ordem do instructor, põe-se em movimento a passo, dirige-se para o obstáculo e na metade do ca-

minho passa ao trote». Deveria ser — «e toma o trote a distancia conveniente» — pois não se sabe qual a metade de um caminho cuja extensão não se conhece.

8^a Secção

Modo de pegar as quatro redeas. — Está inteiramente inintelligivel o texto; e quando se appella para as figuras fica-se ainda mais ignorante do modo de pegar as quatro redeas. Só mesmo quem já teve uma explicação prática poderá entender o que deseja o regulamento a esse respeito. Aqui, na guarnição do Rio de Janeiro, isto será facil pela divulgação que já teve este methodo original; mas fora daqui, supomos, haverá muito embaraço.

Mas, mesmo perfeitamente explicado, não é este o modo mais conveniente de pegar as redeas por um cavalleiro que deve manejar as armas a cavallo. A pressão a manter pelo polegar sobre o indicador, necessaria para que as redeas do bridão não se escapem, fatiga o musculo daquele dedo; e sobrevindo o cançasso esta pressão afrouxa, as redeas do bridão escapam e o cavalleiro governará exclusivamente com o freio. E como elle tem a mão direita ocupada com a arma, não poderá com facilidade ajustar novamente as redeas.

Na esgrima da lança, em varios movimentos, o polegar terá que se afastar para formar com o indicador, que se estende, a *forquilha*, onde a arma deve se apoiar para facilitar o manejo. Quer isto dizer que só se fará esgrima governando o cavallo com o freio, em contrario ao que está prescripto nos melhores regulamentos estrangeiros que mandam nesta occasião pegar as quatro redeas.

Movimentos principaes da mão. — E' inteiramente nova a applicação da ajuda de redeas ahi prescrita. Deprehende-se do texto que é *elevando a mão* cada vez mais que se age para moderar a andadura, deter o cavallo e fazel-o recuar. Segundo isto quanto mais se elevar a mão de redea, mais se domina o animal. Quanto aos māus resultados que uma tão simples quanto interessante maneira de actuar com as redeas possa produzir, não preocupam o R. Eq.

Para dirigir o cavallo manda o regulamento deslocar a mão á frente e para o lado que se quer tomar, em desacordo com o estabelecido pelos bons livros de equitação, que prohibem todo afastamento lateral da mão com as redeas reunidas.

Como apreciação final a esta parte do R. Eq., mais apropriada ao ensino do cavalleiro, assignaremos que não se faz ahi nenhum cabedal do emprego das ajudas, em cuja combinação está todo o segredo da equitação. O estudo do primeiro periodo dá a impressão de que, nas suas nove secções, o cavalleiro deve se deixar arrastar pelo cavallo. E' a inversão mais perfeita do principio do dominio do cavalleiro sobre a sua montada. Este *«laisser aller»* ha de ter fatalmente as suas consequencias no correr de toda a instrução. Note-se, como aggravante, que não se trata exclusivamente do ensino dos recrutas: O primeiro periodo é applicado a toda a tropa no começo de cada anno de instrução.

O inicio do ensino da equitação deve interessar primeiramente á obtenção do assento correcto ao qual corresponde a posição militar a cavallo. Logo a seguir ensinar-se-á aos recrutas, uma vez adquirido o necessário equilíbrio a cavallo, a acção das redeas e das pernas, não só para lhes dar confiança em dirigir o cavallo, como principalmente para evitar movimentos desordenados. Deixar nas primeiras lições os homens entregues a si mesmos, para depois procurar corrigir os vícios adquiridos, dificulta o ensino e acarreta erros quasi sempre impossíveis de fazer desaparecer.

*Lima Mendes e Euclides Figueiredo.
1º Tts. de Cav.*

Os novos instructores da Escola Militar

A nomeação dos novos instructores e auxiliares para a Escola Militar marca uma das mais importantes transformações do nosso ensino profissional, a mais formal promessa de que, dentro em breve, a tropa começará a receber subalternos prompts para collaborarem utilmente na sua instrução quotidiana.

Os novos directores do ensino pratico devem atravessar os humbraes da Escola Militar com o espirito envolto num mixto de alegria e inquietação.

Alegres, porque conquistaram os seus cargos vencendo as provas públicas regulamentares e, em sua maioria, portadores de uma reputação militar invejável, sentirão quasi todos que ninguém se lhes avantaja em autoridade moral para manter contacto, com os futuros officiaes do Exercito, oriental-os e ensinal-os.

Inquietos ou preocupados, pela incerteza de terem os recursos necessarios para a missão tão elevada quão difícil e complexa que o Exercito lhes confia e não podem recusar.

Acreditamos que não só a alta administração militar como a da Escola, saberão renovar a maior parte das dificuldades ainda existentes e, assim, podemos considerar encerrada a época em que o ensino pratico propriamente militar, era conservado nos regulamentos, com o unico intuito de justificar o nome da escola e os cargos de instructores; eram dados a quem precisasse ficar no Rio de Janeiro ou desejasse tomar contacto com a escola para esperar uma vaguinha no magisterio, cada vez mais deleitoso, cada dia mais empanzinado de vantagens.

Sempre desejamos a elevação intellectual, moral e militar da nossa unica fonte de officiaes, convencidos de que, só por esse meio chegariam ao sonhado aproveitamento da instrução que torna o serviço militar um tributo valioso para a Pátria e para o individuo.

Os alumnos da Escola Militar, alguns dos quais por estarem a terminar seus cursos já devem ter reflectido sobre suas responsabilidades, certo compreenderão as vantagens da transformação iniciada, vantagens que lhes permittirão o conhecimento perfeito do que outr'ora só se obtinha através das duras lições da experiência.

Ao Exercito, á Escola Militar que nós sonhamos e aos novos instructores e auxiliares «A Defeza Nacional» saída cheia de esperanças.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e agradecemos:

Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia.

Revista do Instituto dos Docentes Militares. Rio. Novembro.

O Tiro 372, S. Rita de Jacutinga, Minas, N.º 1, de 17. 11. 1918.

Revista dos Militares — Out. 1918.
Boletin del Ministerio de Guerra y Marina — Perú — Julho e Setembro 1918.

Boletim da Sociedade Medico-Cirurgica Militar. Maio-Julho 1918.

O Sul Rural — Setembro e Outubro 1918.

A 43, S. Paulo, novembro.

Discurso pronunciado na Camara dos Deputados em 12-8-18, pelo Dep. M. de Lacerda e mandado editar por um grupo do officiaes.

Organização material e tactica das marchas. These para concurso á 1.ª Cadeira da Escola Militar, pelo 1.º ten. Nilo R. de O. Val.

Idem, idem do 1.º ten. Villanova Machado.

Idem, idem pelo 1.º tenente Pedro Cordolino Ferreira de Azevedo.

Idem, idem do 1.º tenente Ildefonso Escobar.

Do mesmo autor: *A nossa tactica.*

Tactica para principiantes, tradução de um livro do major inglez Gordon Casserly.

Características dos morteiros e obuzes, evolução no material e consequentes vantagens. These para concurso á 4.ª Cadeira da E. M., pelo Capitão Parga Rodrigues.

Croquis das lições de historia militar do Brasil, dadas pelo 1.º tenente J. J. de Andrade no C. A.

Art. 7.º dos Estatutos — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos colaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

As assignaturas começarão em qualquer época, mas terminarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.

MANUAL DO ARTILHEIRO

(*De uma circular*)

Provavelmente chegou ao seu conhecimento que em fins do anno passado os capitães Apollonio F. Rodrigues, Pfeil e Klinger propuseram-se oficialmente a organizar um *Manual do artilheiro*, a ser editado na Imprensa Militar.

A separação daquelles tres camaradas por guarnições differentes, ocorrida logo após, e outras círcumstancias retardaram a execução do projecto e deram logar a que ficasse prompta primeiramente a parte relativa só á artilharia, destinada a constituir o 2º volume, que resolveram publicar sem mais demora. E é para isso que solicitamos o seu apoio. Acontece que a Imprensa Militar está sobrecarregada e ha diversos regulamentos exgotados, á espera de reedição. Assim, ainda com o intuito de abreviar a distribuição resolvemos fazer a impressão em outra officina, e o conseguimos em condições vantajosas.

Graças ás facilidades que obtivemos poderemos vender o exemplar a 2\$000 rs. (dois mil réis).

Solicitamos o auxilio de todos os camaradas de arma, não só individualmente mas tambem, e principalmente, por intermedio das Bibliothecas, das quaes esperamos façam um stock para facilitar a aquisição pelas praças.

O preço referido foi calculado de modo a não nos deixar margem para nenhum abatimento, nem do porte.

Como o trabalho ficará prompto até fim de dezembro teríamos muita satisfação e muito agradeceríamos se recebessemos desde já encomendas, com o respectivo pagamento adiantado.

O assumpto do volume é: Nomenclatura summaria do material de artilharia. — idem da munição, seu funcionamentos e emprego. — Resumo do R. E. A. — Idem do R. T. A. e Compl. — Idem das I. E. S. A. — Nomenclatura do arreioamento de tracção; detailes sobre atrellar. — Reparações de urgencia no material e no arreioamento.

Esperando uma resposta sem tardar, muito agradece

PELOS AUTORES

Capitão Klinger.

“A Defeza Nacional” aceita encomendas.

Pagamento adiantado. Inclusive porte.

Representantes da "A Defeza Nacional"

«O grupo mantenedor da *A Defeza Nacional* reconhece em seus representantes junto aos corpos de tropa, repartições e estabelecimentos militares, merito equivalente ao de seus colaboradores litterarios e o caracter de verdadeiros propagandistas da causa deste orgão, synthetisada em seu titulo.» (Art. 1 da Circular n. 6, de 24-5-915.)

No Rio de Janeiro

M. G. — Cap. Arnaldo D. Vieira.
E. M. do Ex. — 1º Ten. Mario P. Guedes.
D. A. — Coronel Principe.
3.º D. — 2.º Ten. Columbano Pereira.
2.º D. — 1.º Tenente M. Daltro Filho.
Br. Pol. — Cap. M. Castro Ayres.
1.º R. I. — 2.º Ten. Maciel da Costa.
2.º R. I. — 1.º Ten. Octaviano Gonçalves.
3.º R. I. — Cap. Dr. Alves Cerqueira.
52.º Caç. — 1.º Ten. Mario A. do Nascimento.
54.º B. Caç. — 1.º Ten. Dr. Goes Monteiro.
55.º Caç. — 2.º Ten. Telmo A. Borba.
56.º Caç. — 1.º Ten. Carlos S. do Lago.
58.º Caç. — Ten. Roberto D. Santiago.
1.ª Cia. Metr. — Cap. A. Alencastre.
5.ª Cia. Metr. — Ten. O. Verney Campello
1.º R. C. — 1.º Ten. Raymundo Sampaio.
13.º R. C. — 2.º Ten. Simas Enéas.

3.º C. Trem — Tenente Manoel A. C. Batalha.
1.º R. A. — 1.º Ten. Manoel de B. Lins.
6º R. A. — 1.º Ten. E. Seroa da Motta.
3.º G. Ob. — Cap. Mascarenhas de Moraes.
20.º G. A. M. — Major Pompeu Loureiro.
Fort. S. Cruz — 2.º Ten. Octavio Cardoso.
Fort. S. João — 1.º Ten. J. F. Monteiro Lima.
Copacabana — 2.º Ten. Waldemar de Aquino.
1.º Bat. Eng. — Major Xavier Moreira.
E. M. — Realengo. 2.º Ten. J. Faustino da Silva Filho — Alumno J. Bina Machado.
Fabr. Realengo. — Cap. Freire de Vasconcellos.
D. M. Bellico — Cap. Luiz M. de Andrade.
Arsenal — Ten. A. Nunes de Souza F.º.
Direct. de Eng. — Major José Ribeiro Gomes.
Curso Aperf. Inf. — 1.º Ten. Newton Cavalcanti.
3º Bat. Pol. Meyer — 1º Ten. Saint Clair de Freitas.

Fóra do Rio de Janeiro

6.ª C. Metr. — Rio Claro. Cap. J. A. Guimarães.
41.º Caç. — 2.º Ten. Eloy da Camara Catão.
43.º Caç. — 2.º Ten. Mario Travassos.
45.º B. Caç. — Manáos, 1º Tte. J. Vidal Pessoa.
46.º Caç. — Fortaleza, 1º Ten. Roberto M. Malheiros.
47.º Caç. — Belém, 2.º Ten. J. de Oliveira Pimentel.
50.º Caç. — Victoria, Major Diogenes Tourinho.
51.º Caç. — S. João do Rey, Ten. Paulo Figueiredo.
53.º Caç. — Lorena, Ten. Orlando Pimentel.
57.º Caç. — Juiz de Fóra, Ten. J. Americo de Gouveia.
59.º Caç. — B. Horizonte, Ten. Lima e Silva.
6º R. I. — Caçapava, Ten. Amílcar Salgado.
7º R. I. — Sta. Maria, Ten. Olympio dos Santos Rosa.
8º R. I. — Ten. Jocelyn C. F. de Souza.
9º R. I. — Rio Grande, 1º Tte Manoel Jacintho de Almeida.
27º B. I. — Pelotas, Tte. Omar Azambuja.
10.º R. I. — 2.º Ten. Alcebiades A. de Almeida.
30º B. I. — S. Leopoldo, 1º Tte L. O. Barreto de Almeida.
11.º R. I. — Bahia, 1.º Ten. Leal de Menezes.
12.º R. I. — Recife, Ten. Luis Corrêa Barbosa.
13.º R. I. — Corumbá. Ten.-Cor. J. Heleodoro de Miranda.
2º R. C. — Castro, Ten. A. Magno de Moraes.
3º R. C. — Bella Vista, Ten. Adalberto Diniz.
4º R. C. — Ijuhy, Ten. Cyro de Andrade.
5º R. C. — S. Luiz G., 1º Ten. Dr. Leite Velloso.
6º R. C. — Samborja, Tte. Manoel Grott.
7º R. C. — Quarahy, 1º Ten. Outubrino A. da Graça.
8º R. C. — Uruguayan, Major Pará da Silveira.
10º R. C. — D. Pedrito, Cap. Alexandre Fontoura.
11º R. Cav. — Bagé, 2.º Ten. Sylvio Cantão.

12.º R. Cav. — Jaguarão, 1º Ten. Carlos Pereira da Silva.
14.º R. Cav. — Rio Verde, Ten. Lincoln Marinho.
15.º R. Cav. — Sant'Anna, 1º Ten. José Pinto Barreto.
4º C. T. — Pindamonhangaba, 1º Tte. O. M. Tinoco.
5º C. T. — Rio Pardo, 1º Ten. Oscar Raphael Jost.
10º R. A. — Pouso Alegre, Cap. Martins Penha.
4º G. Ob. — Jundiahy, Tte. Alcio Souto.
5º G. Ob. — Margem Taquary, 1º Ten. Argemyro Dornelles.
16º Grupo. — Ten. Dr. Alexandre Meyer.
18º Grupo. — Bagé, 1º Ten. Salvador Obino.
19º G. A. — Valença. 1º Ten. Felisberto Leal.
Petropolis — 2º Ten. Brocardo Bicudo.
Guarn. de Alegrete — Cap. Christovão C. M. Mattos.
S. Gabriel. — 1º Ten. Glycerio Gerpe.
Florianópolis — Cap. Eugenio Taulois.
Itajahy — Cap. João da C. Mesquita.
Col. Barbacena — 1º Ten. José Martins de Arruda.
Coll. P. Alegre. — Cap. Antonio de C. Lima.
Com. da Carta. — Ten. Irineu Trajano.
Escola Naval — Cap. Ten. Mario da Gama e Silva.
II. Reg. — 1º Ten. Julio S. Couceiro.
Santos — 1º Ten. J. Bentes Monteiro.
Coritiba — 1º Ten. França Gomes.
Saycan — 1º Ten. Djalma Cunha.
Fabr. Piquete — 1º Ten. Espindola do Nascimento.
Fabr. Estrela. — 1º Ten. Heitor P. de C. Albuquerque.
Arsenal de P. Alegre — 1º Ten. Graciliano P. da Fontoura.
Brigada Militar — P. Alegre, 1º T. Travassos Alves.
Força Pública de S. Paulo — Cap. Salvador Moya.
Força Pub. de Matto Grosso — Cap. Firmino J. Rodrigues

O PAGAMENTO das assignaturas é adiantado e deve ser effectuado o mais tardar no seu segundo mez. Os recibos são expedidos depois do pagamento effectuado. Pagamentos a qualquer representante ou a qualquer dos mantenedores ou á Papelaria Macedo, Rua da Quitanda, 74. Semestre, 5\$000; Anno, 10\$000.